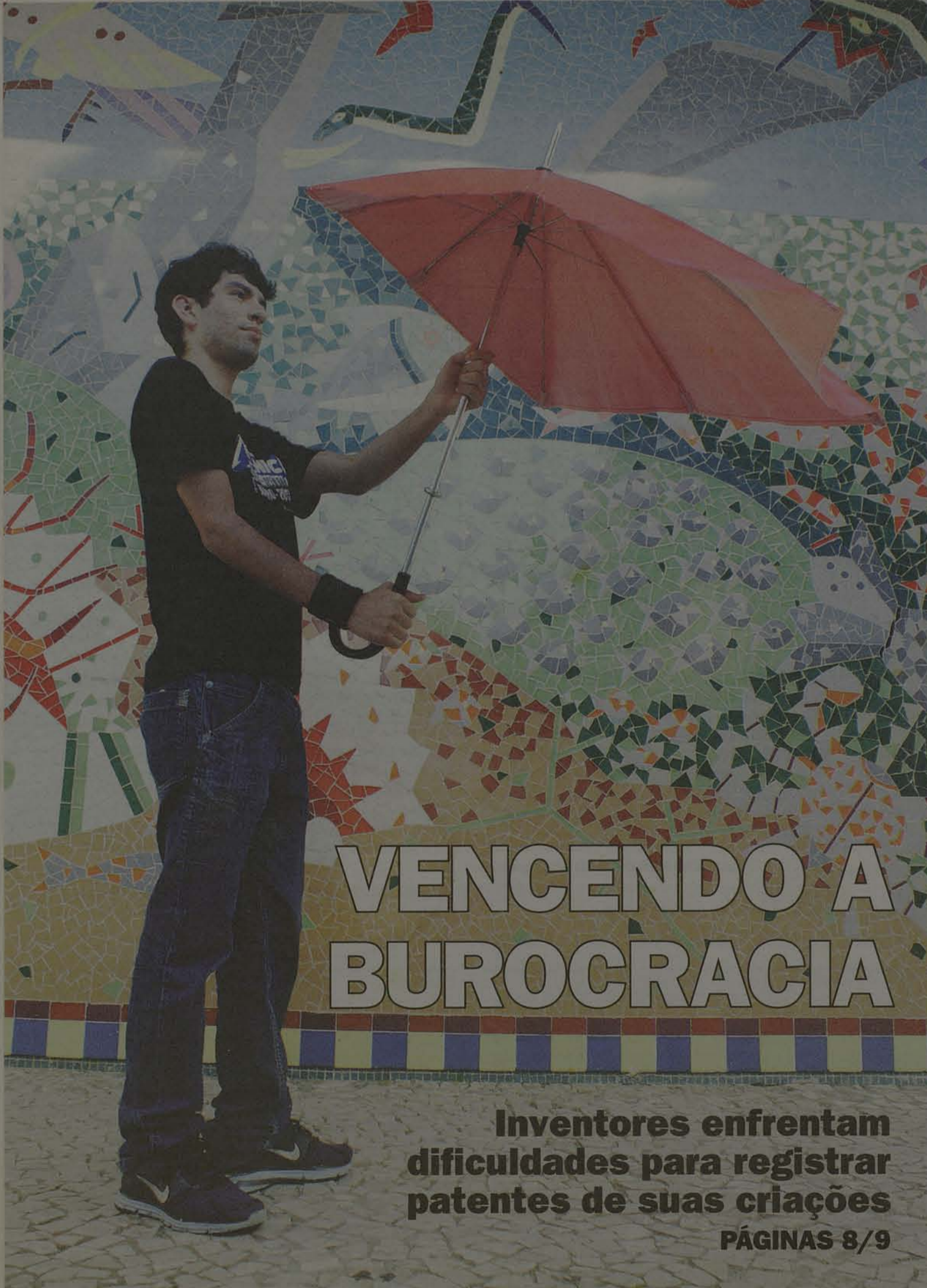




# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 2013 - ANO XXXII, NÚMERO 3



## VENCENDO A BUROCRACIA

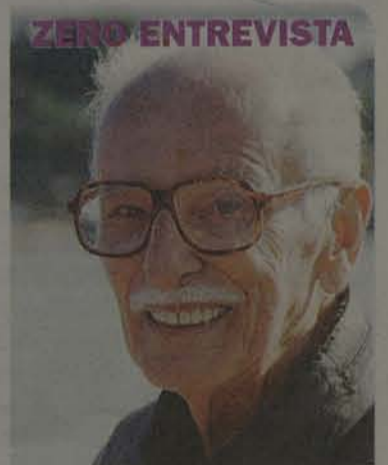
**Inventores enfrentam dificuldades para registrar patentes de suas criações**

**PÁGINAS 8/9**



Trinta anos depois, a AIDS não separa mais casais que são sorodiscordantes

**PÁGINA 10**



Aos 83 anos, Sady Cayres Berber continua remando e competindo

**PÁGINAS 4/5**

### ESPECULAÇÃO

Aluguéis e preços dos imóveis são mais caros no entorno da UFSC

**PÁGINA 6**



# Mídia impressa ainda é o principal espaço do mercado de trabalho

Os dados de recente pesquisa sobre o perfil do jornalista profissional brasileiro revelam que, do ponto de vista das oportunidades de trabalho, a velha mídia tradicional em papel (jornais e revistas) ainda prevalecem, não obstante o avanço da internet. Seis em cada dez trabalhavam em meios impressos (63,9%); metade produzia para mídias via internet (44,6%); um terço, para rádio, TV ou cinema (33,6%) e ainda 20,5% em outras mídias. O item, claro, admitia mais de uma resposta o que também indica a multifuncionalidade da profissão.

Quando se fala do papel da mídia impressa na formação de jovens jornalistas, no entanto, não se poderia resumir a oferta de empregos no mercado. O foco do Zero, há quase 31 anos, é contribuir para a formação de repórteres. Por isso, o objeto do jornal laboratório é o exercício da reportagem, buscando o máximo de qualidade e observando estritamente os padrões éticos recomendados pelo bom jornalismo.

Nessa perspectiva, desde o começo

do semestre experimentamos algumas mudanças no projeto gráfico, buscando harmonizar a beleza estética do produto final, realizado desde a pauta pelos alunos e alunas do 6º semestre do curso, com a relevância pública dos temas das reportagens, primando sempre pela profundidade na apuração de cada assunto. Desde a concepção da primeira página, a adoção de "cartolas" (que valorizam os títulos), reorganizamos as editorias, mantendo o espírito jovem que reflete o nosso público (jovens estudantes universitários). Além de uma nova unidade gráfica, buscamos também uma composição mais limpa e estruturada do jornal.

Nesta edição, você pode conferir, entre outras, uma reportagem especial sobre invenções, focadas nos criadores catarinenses. Na seção Zero Entrevista, as histórias de um campeão do remo, que aos 83 anos ainda compete: Sady Cayres Berber, do Clube de Regatas Aldo Luz, de Floripa. Trinta anos depois dos primeiros casos de AIDS, em SC e no país, veja as experiências de casais sorodiscordantes e do tratamento das crian-

ças de pais soropositivos. Retomamos ainda um assunto que vem ganhando destaque na comunidade universitária: a especulação imobiliária no entorno da UFSC.

Por último, queremos destacar que vivemos uma situação atípica neste semestre: o jornal laboratório está operando sem recursos orçamentários. Desde 31 de outubro de 2012, mandamos aos setores competentes na reitoria, os dados e documentos necessários à licitação dos serviços de gráfica, para garantir a impressão do Zero. Por razões que só os desvãos da burocracia explicam, esta é a terceira edição para a qual dependemos da boa vontade da Direção do CCE e do Diretor de Ensino da Pró-reitoria de Graduação da universidade. O jornal laboratório é compromisso institucional com as regras emanadas do Ministério da Educação (MEC), mas especialmente com os estudantes. Registramos, na esperança de que o leilão finalmente marcado para o dia 25 de junho possa resolver esse transtorno, no 2º semestre de 2013.

Boa leitura!

## OPINIÃO

ONDE O LEITOR TEM VOZ

*Parabéns por um jornal que oferece um contraste bem-vindo às chamadas notícias da Agecom e tem a coragem de abordar problemas na UFSC e criticar a CAPES.*

*Infelizmente também tive que descobrir um artigo no Zero que na sua forma publicada nunca deveria ter passado pela redação final. Estou me referindo a matéria "Alternativas na batalha contra o câncer" na página 6. Ele conta a história dum paciente de câncer que, além de hospitais, frequentou o "Núcleo Espírita Nosso Lar". O artigo não deixa claro como o sr. Gastão Cassel foi curado mas o leitor podia ter a impressão que foi naquele NENL. Tal conexão, por tudo que sabemos, nunca foi comprovada. Até existem estudos sugerindo que pacientes com câncer usando tratamentos alternativos morrem mais cedo: <http://edzardernst.com/2013/04/cancer-patients-who-use-alternative-medicine-die-sooner> Um jornal sem especialistas na área só pode oferecer orientações onde o leitor poderia achar informações confiáveis sobre saúde - e onde não.*

Prof. Dr. Martin Weilandt,  
Departamento de Matemática (UFSC)

*Felicitações pela excelente edição de maio, com matérias interessantes, relevantes para a comunidade e de um olhar diferenciado. Em especial a matéria "Um barzinho, várias gerações e a história de um garçom beleza" mexeu com o sentimento de toda a minha família curtindo as histórias do "Beleza". Continuem com o bom trabalho!*

Ivan Boeing, Administrador, Florianópolis

*Li e gostei da edição de abril de 2013. Bom projeto gráfico, pauta diversificada, matérias com conteúdo significativo. Parabéns, sobretudo pela expressiva entrevista com o professor e tradutor Berthold Zilly sob o título "O universo de Guimarães Rosa para o alemão". No mais, bom trabalho, saúde, paz e jornalismo para a cidadania, sem perder a necessária crítica, sempre! Recebam meu abraço sertanejo do tamanbo do rio Tocantins.*

Paulo Aires Marinho, jornalista, Tocantins

*Está muito bonito o jornal. Parabéns!*

Marques Casara, jornalista - São Paulo

## OMBUDSMAN

MÁRIO PEREIRA

### Melhoramos, mas é preciso ir além

Diga-se, por primeiro, que a edição de maio do Zero foi uma agradável surpresa. Sem dúvida, um expressivo avanço em relação à anterior. Começamos pela pauta, marcada pela diversidade e pela pontualidade dos assuntos. Com efeito, temas como a participação dos jovens na vida religiosa e a adesão de muitos deles aos valores tradicionais, nesta época de "baladas", "raves" e outros que tais, o parto humanizado, os direitos dos gays, lésbicas e transexuais – os três destacados em chamadas na capa – são atualíssimos e sinalizam para mudanças importantes no comportamento da sociedade.

Assuntos muito próprios ao jornal-escola de um Curso de Jornalismo, eis que exigem pesquisa, aprofundamento e debates, e tudo isso faz parte da vida acadêmica e da formação do futuro profissional. O viés crítico, também importante, não foi esquecido, como se confere na página 7: "Burocracia atrasa projetos culturais", "Concha acústica está aos pedaços", "Falta de verbas afeta alunos e artistas". Entendo ser esta a trilha certa.

O uso das fotos também melhorou muito na comparação com a edição anterior. Elas foram "cortadas" e editadas com mais "precisão" em relação às matérias que ilustram. E não só as ilustram. Agregam ou completam informações. A foto da intervenção na concha acústica é um exemplo. O infográfico "Mapa dos partos no Brasil" (página 10) também. Nunca será demais lembrar que ilustrações – fotos, infográficos, desenhos – não devem ser utilizados para "tapar buracos" devidos à escassez de texto. Seu objetivo maior é, igualmente, informar.

Faço uma citação especial à entrevista com a transexual Selma Light, defensora dos direitos GLTB, que organiza a Parada da Diversidade em Florianópolis. Nela, houve a feliz combinação de entrevistadores articulados, que souberam fazer as perguntas certas, e uma entrevistada atilada e inteligente como Selma. Entrevistar não é fácil. Confirmam nas dezenas de entrevistas publicadas todos os dias na nossa "grande" imprensa, a maioria das quais beira a idiotia. Há que ser treinado para bem entrevistar.

Houve, também, visíveis avanços na diagramação, que ficou mais clean e "arejada". Espaços em branco integram o elenco dos recursos gráficos. Destacam e dão maior "visibilidade" aos textos, às fotos e demais ilustrações.

Os textos também melhoraram no que respeita à correção ortográfica e à construção frasal. Revisão caprichada e mais consideração com a "senhora Gramática", esta digna dama, que costuma ser desrespeitada desde o primeiro ano do ensino fundamental até a pós-graduação.

Melhoramos, mas é necessário ir além, muito além. Tchau e benção. Até o próximo Zero.

\*O jornalista Mário Pereira é editor de Opinião do Diário Catarinense e foi eleito em 2008 para a cadeira nº8 da Academia Catarinense de Letras.

## PARTICIPE!

Envie críticas, sugestões e comentários

E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - facebook.com/jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão - UFSC - Trindade Florianópolis (SC)  
CEP: 88040-900

\*\*\*\*\*  
**ZERO**

**JORNAL LABORATÓRIO ZERO** Ano XXXII - Nº 3 - Junho de 2013 **REPORTAGEM** Aline Ribeiro, Ana Paula Mendes, Bianca Amorim Santos, Brenda Thomé, Camila Hammes, Camila Peixer, Derlis Cristaldo, Emanuelle Nunes, Francisca Nery, João Schmitz, José Hüntemann, Julia Ayres, Julia Lindner, Kadu Reis, Lucas Miranda, Mariana Moreira, Marília Marasciulo, Merlim Malacoski, Nadine Lopes, Pâmela Carbonari, Paula Salvador, Thayse Stein **EDIÇÃO** Alexandre Brandão, Ana Paula Mendes, Bianca Amorim, Carolina Lisboa, João Schmitz, Julia Ayres, Marília Marasciulo, Merlim Malacoski, Stefany Alves **EDITORIAÇÃO** Alexandre Brandão, Bruno Batiston, Camila Hammes, Ingrid Fagundez, Luisa Pinheiro **FOTOGRAFIA** Brenda Thomé, Camila Hammes, Camila Peixer, Francisca Nery, Ingrid Fagundez, Julia Lindner, Laís Souza, Mariana Moreira, Thayse Stein **CAPA** Francisca Nery **INFOGRAFIA** Lucio Baggio **APOIO** Elaine Manini, Luiza Martin, Samira Moratti (NAPG/PosJor) **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Ângelo Ribeiro 6504/27/26vRS e Samuel Lima MTb/SC 00383 **MESTRANDO EM ESTÁGIO DOCÊNCIA** Lucio Baggio **MONITORIA** Ingrid Fagundez, Luisa Pinheiro **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 17 de junho



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
EXPOCOM 1994



Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-  
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998



Defensoria Pública

# Atendimentos iniciam com restrições

Santa Catarina necessita de 509 defensores, mas em um mês apenas 45 estão trabalhando

**A**pós morar por 53 anos no mesmo local – uma pequena casa no bairro Coloninha –, Iracema de Oliveira, 78 anos, corre o risco de ficar sem ter para onde ir. Em abril deste ano o dono do terreno, com quem acordou verbalmente na década de 1970 que não precisaria pagar aluguel, ameaçou entrar com uma ordem de despejo caso a aposentada não saia de lá. Sem condições de se mudar, ela decidiu entrar na justiça para adquirir usucapião do imóvel. Para isso, precisará contar com o serviço de um advogado, pelo qual não tem como pagar.

A Constituição Federal prevê àqueles que não têm condições financeiras o direito a um defensor público remunerado pelo Estado. A Defensoria Pública, uma instituição estatal responsável pela orientação jurídica e defesa dos necessitados, foi criada para garantir esse direito fundamental do cidadão. O órgão deveria ser a solução para casos como o de Iracema, mas não é o que tem acontecido. Em grande parte do Brasil, a falta de defensores públicos é um entrave ao cumprimento da lei.

Santa Catarina foi o último estado a criar uma Defensoria Pública Estadual, conforme o modelo previsto pela Constituição. O órgão iniciou suas atividades no dia 15 de maio deste ano, com a atuação de 45 defensores públicos – outros 15 devem ser empossados até o mês de julho. Porém, segundo um estudo da Associação Nacional de Defensores Públicos (Anadep) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada (Ipea), em Santa Catarina seriam necessários no mínimo 509 defensores para a realização de um atendimento de qualidade.

Considerando as 60 vagas, a Anadep calcula que o estado terá 74.849 pessoas com perfil de atendimento por cargo existente de defensor público. É a pior situação do país. O estado possui 6,2 milhões de habitantes. Destes, quase 4,5 milhões têm renda mensal inferior a três salários mínimos – principal critério para classificação dos potenciais dependentes de atendimento gratuito nas defensorias.

Ana Cláudia Silva enquadra-se nesse perfil e necessita de um advogado. Depois de passar 25 anos sem conhecer a identidade do pai, ela o encontrou em outubro do ano passado. Tendo ele se recusado a aceitá-la como filha, a secretária precisaria de um defensor para dar entrada em um processo de reconhecimento de paternidade, mas não será beneficiada.

O defensor Charles Giacomini, da Comarca da Capital, explica que, inicialmente, os atendimentos são feitos apenas nas sete comarcas do Estado que receberam defensores. Algumas delas atendem exclusivamente varas do próprio município, como Joinville. Outras abrangem também cidades vizinhas, como a Comarca de Lages, que inclui Bocaina do Sul e São José do Cerrito. Mesmo nesses municípios a atuação da Defensoria Pública não se dá de forma integral: apenas as varas prioritárias estão sendo cobertas, como as criminais, onde a presença de um defensor é obrigatória, e as de

## A defasagem da Defensoria Pública em SC

Dos 295 municípios do estado, apenas 20 têm atendimento da nova defensoria. Algumas comarcas atendem exclusivamente varas do próprio município, como Joinville. Outras abrangem também cidades vizinhas, como a comarca de Lages, que inclui Bocaina do Sul e São José do Cerrito. Dos 45 Defensores Públicos concursados que começaram a atuar no último mês, 15 ficarão em Florianópolis e os outros 30 distribuídos entre seis comarcas (cinco defensores por cidade): Joinville, Chapecó, Lages, Blumenau, Itajaí e Criciúma.



### No Brasil, a falta de defensores públicos é um entrave para que a lei seja cumprida

família, onde a demanda é maior.

Essas limitações impedem que casos como os de Oliveira e Silva sejam resolvidos pelo órgão. O primeiro só poderia ser assumido pela Defensoria caso ela já tivesse recebido a intimação de despejo. O segundo não pode ser atendido porque Silva mora no município de Palhoça, cidade vizinha a Florianópolis, mas que não pertence à mesma comarca, o que a deixa de fora da área de cobertura. “Atender ao público não é difícil, é prazeroso e muito gratificante! O difícil é não atender. É receber uma pessoa aqui, perceber que ela está depositando sua

última esperança na Defensoria, e dizer não, porque ela mora em Mafra ou em Santo Amaro da Imperatriz”, desabafa Giacomini.

Outra dificuldade enfrentada pela Defensoria é a falta de estrutura. O Defensor Geral Ivan Ranzolin explica que esse é um dos principais motivos pelo qual os outros 15 Defensores aprovados ainda não foram chamados. A Defensora Fernanda Mambrini conta que, na sede de Florianópolis, materiais de escritório como mesas, telefones e computadores, chegaram apenas na segunda semana de trabalho, e que ainda faltam coisas como

carteiras funcionais (que permitem o acesso aos presídios, por exemplo) e certificados digitais, para acessar sistemas como o da Receita Federal – além de automóveis, já que as audiências acontecem em diferentes fóruns no mesmo dia.

Apesar das dificuldades, os defensores estão otimistas. Para eles, a nova Defensoria Pública oferece um conceito mais amplo de acesso ao judiciário, que abrange noções de cidadania e assistência social. “Vamos trabalhar muito e provar que a Defensoria pode ser melhor, e que vale a pena investir nela”, afirma Mambrini.

## Mudanças sobrecarregam estudantes

Com as restrições enfrentadas pela Defensoria Pública Estadual, grande parte dos casos que chega ao órgão é encaminhada aos Escritórios Modelos de Assistência Jurídica (EMAJs) das faculdades de Direito da Grande Florianópolis.

No EMAJ da UFSC, a mudança já foi percebida desde o fim da Defensoria Dativa, em março deste ano, quando a atuação desses escritórios passou a ser uma das únicas opções para a população.

De acordo com a professora Vera Teixeira, coordenadora do EMAJ, houve um aumento de cerca de 70% no movimento, número que praticamente não reduziu com o início da nova

Defensoria Pública. A demanda desproporcional sobrecarregou os alunos, que encaminharam uma carta aberta à coordenação cobrando providências.

O presidente do Centro Acadêmico do Curso de Direito, Leonardo Moraes, destaca que o EMAJ, além de prestar assistência à comunidade, tem como objetivo o aprendizado dos estudantes. “As duas coisas caminham juntas. A partir do momento que você não pode prestar um bom atendimento ao cliente, isso compromete ao seu aprendizado. O atendimento envolve toda a pesquisa para tratar do caso, a conversa com os professores, e isso tem ficado de lado ultimamente.”

## No modelo anterior, população era atendida por 6,5 mil advogados

Em Santa Catarina, a Constituição Estadual de 1989 não previa a criação de um órgão encarregado das atribuições que competem à Defensoria Pública, e determinou que essas atividades fossem exercidas pela Defensoria Dativa, regulada pela Lei Complementar Estadual 155/197.

Nesse modelo, o atendimento jurídico era feito à população por meio de um convênio entre a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SC) e o governo estadual, no qual advogados cadastrados recebiam remuneração do governo

para atender gratuitamente. De acordo com o Presidente da Comissão de Acesso à Justiça da OAB/SC, Anacleto Canan, mais de 6,5 mil advogados permaneciam regularmente cadastrados nas listas de Defensores Dativos.

O Supremo Tribunal Federal (STF) julgou inconstitucional o modelo, em março de 2012, e deu um prazo de 12 meses para o governo criar e instalar a Defensoria.

Camilla Hammes  
camilla.hammes@gmail.com



Sady Berber



**E**le mesmo reconhece: não tem o físico, não tem o peito e nem pinta de remador. Só que é exatamente pelo porte diferente dos outros remadores que Sady Cayres Berber é conhecido. Defendendo o Clube de Regatas Aldo Luz na capital, há 66 anos, ele tem hoje 83 e faz questão de frisar que é multicampeão, carregando no histórico títulos de campeonatos regionais, sul-americanos, mundiais e seis anos na seleção brasileira. Nascido em Santo Amaro da Imperatriz, recebeu boas propostas para competir em outras equipes, mas nunca conseguiu deixar Florianópolis. Sabe que o remo mudou radicalmente e está muito diferente de quando começou, aos 16 anos. Mas para ser bom remador não importa, tem que ter vontade, “ter disposição e desprendimento de tudo, largar tudo o que tem que fazer”.

## Aos 83 anos, Sady ainda faz história

Remador catarinense coleciona vitórias e depois de seis décadas busca novo título mundial

**Como começou o interesse pelo remo? Você sempre gostou deste esporte ou praticou algum outro durante a vida?**

O esporte que pratiquei fora do remo foi só no tempo do ginásio. Eu corria e saltava muito bem. Mas fazia só esporte de estudante. Eu comecei a trabalhar na Rua Conselheiro Mafra em 1942, tinha 11 anos, então sempre trabalhei e tive comércio ali. Lá em 1947, um representante que me vendia mercadorias era do Clube de Regatas Aldo Luz e me perguntou: “Você não quer ir ao Aldo Luz dar uma remada?”. Fui lá em um domingo e me botaram dentro de uma iole. Então eu remei oito quilômetros, garotão, pensando que era o bom, o forte, me arrombando todo. Quando saltei fora da praia, onde hoje é a Casas da Água, não se aproveitava nada. Eu passei uma semana sem conseguir me mexer. Por isso que eu digo que fui como o italiano: nasce e joga na parede. Colou? É cantor. Não colou e caiu? É bandido. Então eu que fui colado, fui remador. Voltei e comecei a remar. Sempre fui remador do Aldo Luz. Dia 4 de maio, eu fiz 66 anos de Aldo Luz. E fui da Seleção Brasileira de 1952 a 1958.

**Ao longo do tempo você foi aprendendo algum segredo do remo? Para você, o que uma pessoa pode fazer para se tornar um bom remador?**

Quando alguém te fala “aquele cara é remador,

é grande e forte”. Não, remo é habilidade. O meu técnico, o alemão Rudolf Keller, nos três sul-americanos que corri dizia assim: “Vocês têm que dançar balé, você não pode ser durão. Se você for durão, você não rema e o barco não anda.” Então por que até hoje as pessoas querem remar comigo? Porque eu sou bem ágil. Ainda que você não faça força, você dá condição aos outros fazerem força. Força resolve? Resolve. Peso resolve? Resolve. Mas se você não tiver habilidade, não adianta.

**Depois que participou pela primeira vez no remo, você continuou trabalhando?**

Sim, claro. Meu pai e minha mãe sempre me protegeram e me deram toda a liberdade para remar. Então no dia 8 de outubro de 1950 corri minha primeira internacional em São Paulo. Ainda não tinha corrido na Federação, mas já corri em São Paulo uma internacional e fiquei em segundo lugar. Quando perdi para o Uruguai foi a primeira competição que passou na televisão.

**Em qual época o remo de Florianópolis perdeu popularidade?**

Tinha um cronista do estado Pedro Paulo Machado, é o decano dos cronistas esportistas, o mais homenageado. Esse cara escrevia sobre remo e era apaixonado. Ele divulgava o remo. Eu vi um programa na TV Bandeirantes que dizia assim:

“futebol e etc.”. Mas só fala de futebol, não fala de esporte nenhum. Esse é o negócio, tem que divulgar. Você não tem ideia dos catarinenses que são campeões do mundo. Você não sabe, não divulgam, é impressionante. Eu fiz parte do Conselho de Esporte. Eu no esporte sou completo, eu fiz tudo no esporte, inclusive fui da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) também. Na época fui assessor de remo. Sou comentarista de esporte.

**Quais motivos fazem com que o remo perca força no Brasil?**

Eu estou indo agora para o mundial. Quando você pede patrocínio, nada. Você tem que pagar a passagem, o seu hotel, a sua alimentação. Agora o que é que nós trouxemos para Santa Catarina? Nós, todo ano, trouxemos cinco ou seis mundiais, cinco ou seis sul-americanos. Nós trazemos isso para Santa Catarina e para o Brasil, só que não é reconhecido. Nós ganhamos no ano passado seis sul-americanos, em seguida, ganhamos cinco brasileiros. Não saiu no jornal. O que é que saiu? O Avaí na segunda divisão perdeu. Então a perda do Avaí na segunda divisão valeu mais do que seis sul-americanos e cinco mundiais. É ruim.

**Muita gente diz que o remo é esporte mais forte em outros países. O Brasil consegue competir de igual para igual com estas potências?**

Na Europa é esporte de elite. Eles remam o ano todo. No verão remam na água e no inverno fazem o *indoor* que eles chamam. Inclusive tem um campeonato mundial *indoor*. Nós do Aldo Luz somos bicampeões do mundial *indoor* com uma menina paraplégica, a Josiane Lima. No ano passado ela ganhou e mais dois tiraram segundo lugar. A divulgação não há. A Josiane é a única atleta brasileira de remo que tem medalha mundial e medalha olímpica. Ninguém mais tem essas medalhas.

**“Força e peso resolvem? Resolvem. Mas sem habilidade, não adianta”**

**A rivalidade entre os clubes da cidade era bastante acirrada. Atualmente a disputa continua da mesma forma?**

No meu tempo o pau comia, a rivalidade era muito grande. Mas eu fui da Federação e acabei com essa rivalidade e essa briga toda. Hoje um entra no clube do outro, vai tomar café. A rivalidade é dentro d’água. Tem gente que é vivo até hoje, era do Martinelli e não passava na frente do Aldo Luz. Depois vinha remar no Aldo Luz e não passava na frente do Martinelli. A ri-



validade era brava. Eu particularmente, a vida toda, entrei nos três clubes. Inclusive eu tenho um troféu "Amigo do Riachuelo". Se eu tiver que auxiliar eu auxilio tanto o Martinelli quanto o Riachuelo. Eu fui presidente da Federação, mas não protegi o Aldo Luz. Eram eles que tinham que estar mais em dia para não serem penalizados.

**Você acha que o aterramento da Beira Mar mudou alterou a prática do remo na cidade?**

Você não pode impedir o progresso. Imagina se não tivesse essa Beira Mar Norte e a Beira Mar Sul aqui. O que aconteceria com o centro de Florianópolis, o caos? Você não pode impedir, mas tudo tem um modo de se ajustar. Quando fizeram essa saída aqui, comeram metade do nosso estacionamento, tanto da Federação quanto do clube. Não conversaram, nem pediram. A nossa passarela, que nós já reivindicamos e pedimos, agora vão fazer de novo. É a ligação do Parque Náutico com a rodoviária. É aquele negócio: dá para fazer, faz.

**O senhor competiu em alguma Olimpíada?**

Não. Eu tive azar porque perdi a eliminatória da Olimpíada de 1956 na Austrália. Particpei da Olimpíada de 1968 no México, mas como turista. O Brasil não saía, não evoluía. Uma cidade isolada não cresce. Você tem que ter contato com outras cidades, adquirir conhecimento, adquirir força e ideias. Até que com a Confederação Brasileira de Remo, com o presidente Renato Borges da Fonseca, começou a sair e aí passamos a ganhar Panamericano e sul-americano.

**Você recebeu uma proposta do Vasco da gama para ser remador no Rio de Janeiro?**

Acontece o seguinte, quando ganhamos o campeonato sul-americano no Peru, nós, os catarinas, fomos os

únicos que ganhamos. Chegamos ao Rio e fomos recebidos pelo João Havelange, que ainda não era presidente da Confederação, ainda estava iniciando na CBD na época, em 1956. Ele foi taxativo e disse: "não vai ninguém pra Olimpíada". Tudo bem. Chegamos aqui, penduramos nosso calção, paramos um pouco para poder tomar "sustância", melhorar e tal. Nessa oportunidade, foi um lá de um clube no Rio que disse: "Se vocês assinarem pelo Vasco vão para Olimpíada, senão, não". A gente não foi.

**A força do remo no Brasil, além de Florianópolis, foi sempre o Rio de Janeiro?**

O Rio devia ser uma força, mas para mim é uma força fajuta. Agora teve sul-americano, 26 provas, e o que eles ganharam? Quatro provas. Eu não sei o que é que o Rio faz. Remador sai daqui e está ganhando. Vai para lá e muda. Eu sou o único catarinense que sou campeão em todos os tipos de barco. Oito tipos de barcos. O que eu não fui de catarinense, eu fui de campeão mundial ou sul-americano. Eu quando remava dizia "eu sei que não sou forte, mas por que quando atira dois mil metros, todo mundo chega ofegante e eu chego inteiro?". Agora com a atualização do remo é que eu vi. Hoje nós temos a sala de ginástica, tem peso, tem bicicleta, tem tudo. Eu fazia tudo isso na loja. Eu descarregava dois caminhões com dez toneladas de prego, com caixas de 68 kg. Fim do dia estava todo cortado. Chegavam três, quatro caminhões com engrada-



Sady (primeiro à direita) fez parte da primeira equipe campeã com a camisa amarela da seleção nacional (1952)

dos de louça de 40, 45

kg e nós tínhamos que arrumar tudo na loja. Eu fazia físico o dia todo. O remo é caro, cada par de remos normalmente, chega aqui por 750 dólares e o governo cobra imposto porque diz que o remo é lazer, não é esporte olímpico.

**Como funciona a ajuda do governo com o remo? Existem isenção de impostos e outros privilégios para os clubes?**

Às vezes se consegue. O Aldo Luz comprou 11 barcos da China com verba do

**“Eu sou o único catarinense que é campeão em todos os oito tipos de barco”**

Ministério

dos Esportes. Mas levou uns dois anos para recebermos essa verba. Então é uma luta. De vez em quando até se ganha uma "xepazinha". O que você está vendo de clube ali não foi projetado assim. Essas três portas e um adendo que tinha no lado foram feitos pelo governo. A planta original tinha mais um andar com sala de médico, cozinha e alojamento, mas para restringir, fizeram só isso. Nós é que ampliamos todos os três clubes. Fizemos um estaleiro, mais sanitários melhores, cozinha, secretaria. Todos os três fizeram o mesmo plano. Tudo iniciado pelo Aldo Luz, os outros vieram atrás.

**Você foi um dos primeiros a competir com a camisa amarela da Seleção. Como ocorreu a mudança?**

Eu corri o campeonato sul-americano de 1952 no Chile. O uniforme era calção branco e camiseta branca debruada de azul. Todas as seleções brasileiras eram assim. Isso era determinado pela CBD, a Confederação Brasileira de Desportes, mas nós atletas a chamávamos de "Come Bebe e Dorme". Quando fui competir novamente no sul-americano de 1954, eu levei o meu uniforme para competir e me disseram que ele tinha mudado para amarelo. Então eu competi em 1954 com a camisa amarela, ganhei a primeira prova e eu era o proa (que fica na frente do barco), então eu realmente sou o primeiro brasileiro a ganhar com o uniforme amarelo. Tinha mudado o agasalho também. Eu fui lá na tribuna e pedi para o presidente da confederação um uniforme pra voltar para Santa Catarina e mostrar. Ele virou para um ministro e disse "Olha só a pretensão do moço, quer levar um uniforme da CBD." Aí o ministro disse "Tá dado, pode levar". Era justamente o minis-

tro Galotti, que era um catarinense. Eu tenho esse uniforme em casa ainda.

**Como era sua rotina quando treinava para as competições?**

Naquele tempo nós trabalhávamos. Então nós remávamos mais à noite. Depois do expediente é que a gente ia remar. Quando chegava o fim de semana, eram os dias que nós mais remávamos. Hoje já não quero mais remar no domingo. Mas nós no domingo às vezes remávamos a manhã toda.

**Qual o procedimento para fazer parte do clube, paga-se uma mensalidade para treinar?**

Não, não. Se você quiser ser sócio tem que pagar, se quiser ser um atleta do clube não paga nada. Nós temos a escolinha, de oito a 80 anos, pode vir aqui que não tem idade para começar. Você começa lá na sala de musculação, passa para o tanque, depois passa para o canal e depois passa para o outro barco. Vai subindo de categoria. Os três clubes têm a mesma estrutura.

**O senhor acabou influenciando familiares com o remo?**

Não, o meu filho remou, mas não prosseguiu. Meu neto ainda competiu. Agora tenho outro neto, filho desse meu filho que não quis continuar a competir, esse meu neto tem sete medalhas de nataçao, ele tem sete anos.



Atleta mantém rotina de treinos e se prepara para competir no Mundial de Másteres no segundo semestre

- Brenda Thomé  
brendathome@gmail.com
- Kadu Rels  
kadualexandereis@gmail.com
- Lucas Miranda  
lucasmedeirosmiranda@gmail.com
- Mariana Moreira  
rmoreira.mariana@gmail.com
- Thayse Stein  
steinthayse@gmail.com



A procura crescente por imóveis na Serrinha, Carvoeira, Pantanal e Trindade alimenta o processo de especulação



Especulação imobiliária

## Procura por imóveis cresce nas férias

Aluguéis no entorno da UFSC aumentam em ritmo mais acelerado do que em outras regiões

Com o fim do semestre, o mês de julho vem para trazer descanso à maioria dos universitários, mas para os calouros ou aqueles que decidiram trocar de apartamento a folga terá de ser adiada. Nas imobiliárias, principalmente no entorno da UFSC, este é o segundo período mais movimentado do ano – perde apenas para as férias de verão – e a maior parte dos clientes são os pais. “Eles vêm aqui para encontrar um lugar para os filhos morarem. Quanto mais perto, melhor. Querem os filhos dentro da universidade”, explica a corretora de imóveis Bernadete Rodrigues, da Guerreiro Imóveis.

A procura por imóveis nos bairros Serrinha, Carvoeira, Pantanal e Trindade faz com que o preço dos aluguéis cresça em um ritmo mais acelerado do que em outras regiões, como diz Bernadete Rodrigues: “O que dita os preços nesses bairros é a UFSC. Aqui, tudo vira ouro”. Lorrana Martins, corretora da imobiliária Brognoli, traduz o fato em números. Há três anos, um apartamento de um quarto (45m<sup>2</sup>) em um condomínio conhecido pelos estudantes, o Granville, custava cerca de R\$ 800 por mês. Hoje, o mesmo imóvel não sai por menos de R\$ 1100. O aumento de 37,5% é muito superior à taxa de 23% regulada pelo governo através do IGPM nos mesmos três anos.

Pensando em uma forma de diminuir os gastos durante a graduação em Direito, Maria Anacleto saiu da Trindade e foi para a Barra da Lagoa. O preço que ela pagava para dividir um quarto na Trindade era o mesmo de uma kitchen na Barra. O complicado era o ôni-

bus. “Eu optei por me locomover através das caronas. Saía de casa às 7h50 e chegava à UFSC às 8h20. De ônibus isso nunca aconteceria.”

A dificuldade com o transporte público e com os congestionamentos foi decisiva para que Arthur Brotto saísse da casa do pai, no Rio Vermelho, e viesse para a Trindade. Sem ter um carro, ele percebeu que as restrições dos horários o impediam de ir às festas e voltar para casa na mesma noite, pois às 23h20 saía o último ônibus para o Norte da Ilha. “O aluguel pode ser mais barato, mas para mim não vale a pena. Pelo menos aqui eu faço tudo a pé, e economizo comendo no RU, inclusive nos fins de semana.”

Outro fator que faz com que os preços nos bairros perto da Universidade sejam tão altos é a falta de espaço para expansão. De acordo com Silvério Simoni, diretor-tesoureiro do Conselho Regional de Corretores de Imóveis de Santa Catarina (CRECI-SC), a região da Trindade é a que mais valoriza na cidade, principalmente por não ter mais lugar disponível para novas construções. O preço médio do metro quadrado na região varia entre quatro mil e cinco mil reais, equiparando-se com áreas valorizadas do Centro. A situação é o oposto nos bairros do Continente. “A Ilha tem um limite de crescimento, certa exclusividade, que uma vez alcançada, não tem mais para onde ir.” Simoni avalia que no continente, é possível expandir para São José, Biguaçu, Palhoça. Por isso, segundo ele, os preços dos imóveis lá são até 40% mais baratos do que em bairros da Ilha.



Trindade é o bairro que mais se valoriza na cidade, o valor do metro quadrado varia entre quatro e cinco mil reais

## Preços no Itacorubi são mais baixos

Não é preciso ir tão longe para encontrar preços mais acessíveis em imóveis. Nos bairros um pouco mais distantes da universidade é possível perceber uma queda nos valores para a compra de novos prédios. O bairro do Itacorubi, por exemplo, tem recebido um grande número de investimentos no setor imobiliário, com novos prédios entregues frequentemente. Esta grande oferta mantém os preços relativamente estáveis e competitivos.

Ao constatar a tendência após muita pesquisa, o estudante de Engenharia de Controle e Automação da UFSC, Amadeu Neto, decidiu comprar

um apartamento no Itacorubi. “Na Trindade, os novos tinham sempre uma ótima localização, mas a área era minúscula e o preço exorbitante. No Córrego e Santa Mônica, a maioria era antigo e caro. No Itacorubi existia muita opção de prédios novos, com área grande e preços mais baratos do que na Trindade”. Nas imobiliárias, trocar o aluguel pela compra de um imóvel é uma opção cada vez mais escolhida pelos pais. Bernadete Rodrigues explica que muitos deles veem a decisão como um investimento seguro tanto para eles, como para os filhos.

O CRECI-SC, todavia, garante que

não é só a cidade de Florianópolis que vem sendo valorizada no setor imobiliário. De acordo com o Conselho, Santa Catarina é, atualmente, o segundo estado do Brasil com o maior desenvolvimento no ramo, atrás apenas de São Paulo. Com um crescimento de 15% ao ano, desde 2008, todas as regiões de Santa Catarina se expandem de maneira quase homogênea, segundo levantamento do SINDUSCON.

Ana Paula Mendes  
anapaulafmendes@gmail.com  
Julia Ayres  
julia.ayres.vieira@gmail.com



Perfil

# Filósofo brasileiro critica a academia

Para criador da teoria da Lógica Paraconsistente, área de pesquisa é desvalorizada no país

Em uma segunda-feira à tarde no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pouco menos de dez alunos estão presentes para a aula do professor visitante Newton Carneiro Affonso da Costa. Antes de iniciar a aula, Décio Krause, professor do curso de pós-graduação em Filosofia, apaga o quadro-negro para o professor convidado. Iniciada a aula, Costa faz uma piada, mas ninguém na sala ri. “Assim não dá nem para fazer piada, vocês não sabem nada, não leram nada. Eu estava falando de Shakespeare, sabia?” A turma continua impassível. Possivelmente alguns sabiam, entenderam, mas o professor exige concentração máxima e reações dos doutorandos e em algumas vezes, como naquela, não recebe.

Em uma conversa informal é possível esquecer que Costa é um dos maiores pesquisadores brasileiros. Por 14 anos lecionou na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde se tornou professor catedrático. Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Também é membro Honorário do Instituto de Investigações Filosóficas da Universidade de Lima e do Instituto de Filosofia do Peru. Foi o primeiro brasileiro a se tornar membro do *Institut International de Philosophie*, de Paris.

Nascido em 1929, Costa é matemático, lógico e filósofo. A ele é atribuída a Lógica Paraconsistente, que hoje é aplicada em áreas como medicina, transporte aéreo e ferroviário, e, também, a Teoria da Quase-verdade. Casado e pai de três filhos, veio a Florianópolis para estar mais perto deles. Newton Júnior, seu filho mais velho, é professor no Centro Sócio Econômico (CSE) da UFSC.

Inconformado com o rumo da universidade no país, o professor compara a pesquisa e o valor dado à academia no Brasil com outras partes do mundo. Em uma das temporadas nos Estados Unidos, por exemplo, foi abordado por dois alunos. Impressionados com o currículo do professor, pediram para pagar-lhe um almoço uma vez por semana, com intuito de absorver seu conhecimento. “Você acha que isso aconteceria no Brasil? Onde o aluno paga para ter aula e fica feliz quando o professor não dá aula? Aqui você chega à aula e o quadro

nem está apagado. Eles não dão bola para o professor.”

Costa atribui à influência familiar o seu interesse pela área acadêmica e a pesquisa. É neto de Abdon Petit Carneiro, médico sanitário e um dos fundadores da UFPR. Mas foi com o tio, Milton Carneiro, professor de História da Filosofia da UFPR, que passou a se interessar pela concepção das ciências. Era com ele que discutia textos de Descartes, abordando temáticas bastante complexas para os seus 15 anos.

Com a tia Carmen Carneiro, professora de inglês e poetisa paranaense, Costa passava tardes ajudando na tradução de Shakespeare para o português, enquanto os colegas da sua idade jogavam futebol na vizinhança. Por muitos anos trocou cartas com ela, nas quais comentava o panorama político e cultural. Chamado de “querido Newton”, ele

**“Aqui só há respeito a jogador de futebol, cantor de música popular e político safado”**

recebia pelo correio os versos que Carmen escrevia e que mais tarde seriam publicados.

Mesmo com conhecimento e raciocínio acima da média, na escola Costa era um aluno regular. Não entendia porque precisava continuar estudando, quando tudo aquilo já fazia parte do seu conhecimento. Estudava para passar nas provas, mas era fora dos muros do colégio, principalmente em família, que desenvolvia o seu pensamento crítico. Nos almoços em casa, a exigência da mãe era que ninguém conversasse em primeira pessoa. O interesse não era o cotidiano de cada um, eles deveriam discutir ideias, filosofia, literatura e ciências.

Na faculdade, escolheu Engenharia Civil, pois gostava de observar como a matemática era aplicada na vida real. Já estava no meio do curso quando passou a fazer paralelamente Matemática, graduando-se em bacharelado e licenciatura. Por influência do sogro, trabalhou como engenheiro por um ano, mas logo passou a se dedicar à pesquisa, área que o encanta até hoje.

Na década de 1950, já como doutor de livre docência da UFPR, começou a publicar sobre a Lógica



Newton Costa foi o primeiro brasileiro a se tornar membro do *Institut International de Philosophie*, de Paris

Paraconsistente, que na época ainda não era conhecida por esse nome – dado somente anos depois pelo amigo peruano e também lógico Francisco Miró Quesada. Por intermédio do francês Marcel Guillaume Brasil, passou a publicar artigos na Academia de Ciências da França, renomado instituto internacional. Quando a primeira nota foi publicada, o pai, que era bancário, tirou todo o dinheiro do bolso e disse: “aqui está o seu Prêmio Nobel”.

Em diversas ocasiões, Costa ministrou aulas em universidades internacionais, localizadas em Paris, Barcelona, Milão, Chile, Argentina, Polônia, Austrália, entre outras. Decidiu ficar no Brasil por pressão da família, que não queria migrar, e acreditava que poderia contribuir para o desenvolvimento da pesquisa por aqui. Hoje em dia repensa a decisão. “Aqui só há respeito a jogador de futebol, cantor de música popular e político safado. Para quem faz as coisas certas, não é dado o devido valor.”

O futebol, sempre alvo de críticas do filósofo, já fez parte da sua rotina. Costa chegou a jogar nas categorias de bases do Atlético Paranaense. Parou por achar que não tinha chance de ser um bom jogador. Porém, o esporte o acompanharia por muitos anos, pelo menos no preenchimento de fichas e cadastros. “Os americanos consideram essencial que você tenha um hobby, eu sempre colocava *soccer* em todos os meus cadastros.”

## Lógica Paraconsistente

“Na lógica clássica e em várias outras lógicas, de uma contradição pode-se demonstrar qualquer sentença e a teoria correspondente fica trivial: todas as suas sentenças são demonstráveis.”

“Uma teoria é inconsistente (ou contraditória) se nela pudermos provar uma sentença e, também, sua negação.”

“Uma lógica é paraconsistente quando pode servir de base para teorias inconsistentes, porém não triviais. Assim, por exemplo, se uma teoria, como a metafísica de Hegel, for tal que se defende a tese de que ela é contraditória, então essa teoria somente pode ser baseada em uma lógica paraconsistente.”

## Quase-verdade

“A quase-verdade é uma concepção de verdade tal que, segundo ela, uma sentença e sua negação podem ser ambas quase-verdadeiras. A lógica da quase-verdade, portanto, tem que ser paraconsistente. Em física, por exemplo, a mecânica quântica e a relatividade geral são incompatíveis pois, juntas, conduzem a contradições. Em todo caso, recorrendo-se ao conceito de quase-verdade, pode-se mostrar que as duas são quase-verdadeiras em seus domínios de aplicação.”

O professor critica a falta de incentivo à pesquisa nas universidades brasileiras: os laboratórios daqui são, geralmente, liderados por uma pessoa só. Não há continuidade no trabalho feito por outros pesquisadores. Para ele, o nível dos graduandos também é cada vez pior, não há interesse por literatura ou artes.

O pesquisador crê que a grande responsabilidade da academia é incentivar o pensamento crítico dos

alunos. “Todo o conhecimento do mundo é inútil para quem não sabe pensar por conta própria.”

O professor diz querer colocar a serpente no paraíso dos alunos. Trazer a inquietude e a motivação necessárias para mudar o futuro. E claro, se o quadro-negro já estiver apagado antes de começar a aula, tanto melhor.

Bianca Amorim Santos  
bianca.amorim.santos@gmail.com



Criatividade e persistência

# Inventores brasileiros enfrentam burocracia

A criatividade é atrapalhada pelas dificuldades em registrar os produtos

Que tal um espelho que desembaca sozinho enquanto você toma banho? Ou uma bicicleta que anda na água? O Brasil registra anualmente uma média de 23 mil pedidos de patentes que vão desde ideias curiosas e surpreendentes até invenções que tem utilidade no dia-a-dia e vocação comercial. Na Associação Nacional dos Inventores (ANI), estão registrados produtos como aparelho para lavar as costas, muletas com amortecedores, celular com identificador para batimentos cardíacos, chapéu com capa de chuva e balde que mantém a bebida gelada.

O processo para conseguir uma patente não é simples. O título de propriedade temporária sobre uma invenção ou modelo de utilidade é outorgado pelo Estado e garante a ex-

clusividade de uso econômico da criação. A Lei de Propriedade Industrial (Lei 9.279/96) prevê que, para que um invento seja protegido por patente, é necessário que atenda aos requisitos novidade, atividade inventiva - algo que não seja óbvio para um especialista da área - e aplicação industrial.

No sistema brasileiro, as principais formas de proteção para as criações no campo industrial são: a propriedade industrial (PI), que representa uma nova solução para um problema técnico, e o modelo de utilidade (MU), que apresenta uma melhoria funcional para objetos conhecidos. O segundo tipo é o que tem maior número de patentes, já que é mais fácil adaptar algo que já existe do que ter uma ideia totalmente nova.

Para conseguir uma patente, é preciso entrar com um pedido no

Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) e passar por uma série de etapas (ver quadro abaixo). Não há um prazo determinado para que se consiga a concessão - o tempo varia de acordo com a complexidade do produto. Como a avaliação do INPI é minuciosa, muitos inventores recorrem a empresas especializadas que orientam nos detalhes técnicos e legais.

Apesar de o número de pedidos de patentes brasileiras ter tido um crescimento de 36% nos últimos cinco anos, o Brasil ainda está muito distante da produção de países como os Estados Unidos. Edegar Antonini, agente de propriedade industrial, alerta que o problema não é a falta de boas ideias. "O brasileiro é muito criativo, inventa mil soluções, mas não percebe que elas podem trazer um ganho fi-

nanceiro grande. Bastaria registrar a patente."

Em entrevista ao *Zero*, Joi Ito, diretor do *Media Lab* do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) - um dos principais centros de inovação do mundo, afirma que desburocratizar, promover empreendedorismo e arriscar mais, tanto na universidade quanto nas empresas, são medidas fundamentais para que o Brasil conquiste espaço com suas invenções. "Focar mais na prática do que na teoria também é importante, 'aprender fazendo' estimula a criatividade." Ele acrescenta que não há receita para quem quer criar algo novo: "just do it!".

Francisca Nery  
nery.francisca@gmail.com  
Paula Salvador  
paulacarrinsalvador@gmail.com



Clima de Florianópolis inspira acadêmicos do curso de Engenharia Mecânica a criar guarda-chuva elíptico que protege contra chuva e ventos de até 60 km/h

## Solução caseira vira sistema natural para tratar efluentes

No caso de Galdino Santana de Lima, natural de Criciúma, o pedido foi feito em 2003, mas a concessão saiu somente em 2012. A ideia é ainda mais antiga. Em 1961, aos 11 anos, morava em Laguna com o pai, agricultor e produtor de farinha de mandioca. Na propriedade em frente à sua casa havia um córrego, por onde escoava a água para a lagoa e, durante o inverno, muitos peixes apareciam mortos no local devido à grande quantidade de iodo proveniente da mandioca. Inconformado com a situação, começou a buscar uma solução. "Na época, eu não estava interessado em provar nada cientificamente. Queriam mesmo era acabar com a mortalidade."

Ao longo dos anos, Lima teve sucesso nas pesquisas feitas por conta própria e criou um sistema de tratamento de efluentes sanitários, industriais e água. A técnica consiste em utilizar agentes ativos do bambu que, ao serem manipulados, eliminam os elementos poluentes da água, tornando-a reutilizável. A marca Sinate - Sistema Natural de Tratamento de Efluentes - foi implantada um ano após o pedido de patente, mesmo sem a concessão e, em 2007, foi criada a distribuidora do produto, a Sisteg. Hoje, a invenção de Lima tem mais de 2 mil estações de tratamento instaladas pelo Brasil e pelo mundo. (EN. e PS.)

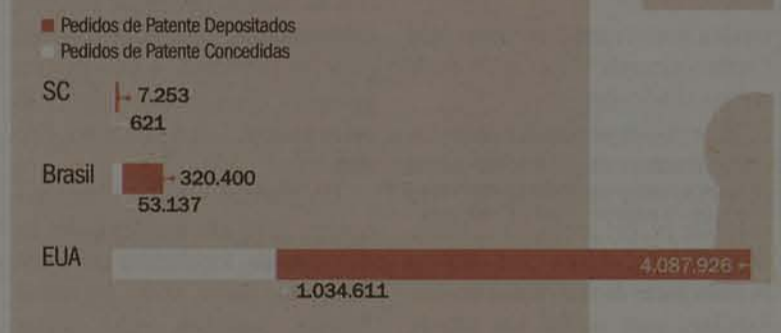
## Acidente incentiva criação de almofada para passar roupas

Grávida de nove meses, Maria Ester da Silva queimou a barriga enquanto passava roupa na sua confecção, em 1990. Em vez de tábua de passar, era comum usar cobertores ou panos grossos em cima de uma mesa, o que escorregava com facilidade. A queimadura foi tão grave que, uma semana depois, sua filha Marina nasceu com uma mancha. De volta ao trabalho, Silva começou a procurar alguma alternativa. "Pensei em algo que ficasse no lugar, que fosse durinho, tipo um colchãozinho, eu visualizei o produto", conta. A primeira tentativa foi criada para uso próprio, na confecção, mas pouco tempo depois uma das clientes viu e quis comprar. Foi ali que surgiu a ideia de aperfeiçoar o produto e entrar no mercado.

A catarinense de 55 anos inventou, naquela época, a almofada térmica para passar roupas, que pode ser colocada em qualquer superfície, é feita com uma espuma de poliuretano que isola o calor e tem, em cima, um tecido metalizado que faz uma leve vaporização e esquenta, acabando com a necessidade de passar a roupa dos dois lados. A patente saiu em quatro anos e, hoje, a marca que ela fundou, a Isopasse, tem vários produtos e mais três pedidos de patente em andamento. (EN. e PS.)

## Número de patentes

Dados comparativos da Propriedade Intelectual entre os EUA, o Brasil e Santa Catarina entre 1998 e 2011.



## Alunos encontram alternativa para centralizar controles dentro de casa

Basta um clique para controlar lâmpadas, tomadas, ventiladores, aparelhos de ar-condicionado, persianas e fechaduras. O controle de bolso da marca Oneon possibilita, com o auxílio do módulo receptor, uma nova forma de interação da pessoa com o ambiente. O design simples veio da proposta de dois universitários que queriam descomplicar a tecnologia e trazer uma solução prática e intuitiva: um único dispositivo para controlar tudo o que está ao redor.

Luiz Fernando Heidrich Duarte, de Timbó, e Osvaldo Antônio Capelari Júnior, de Navegantes, começaram a desenvolver a invenção em 2008, quando estudavam Engenharia de Computa-

ção na Univali, em São José. "A gente participava de alguns eventos da Associação Brasileira de Automação Residencial e via quão complexas eram as soluções que estavam no mercado. Os produtos eram caros, de difícil instalação e exigiam que a pessoa lidasse com softwares. O nosso fugiu disso tudo", explica Duarte.

A ideia foi tão bem sucedida que, em cinco anos, está concretizada em uma marca, dois modelos de utilidade e um design industrial. A expansão da Oneon tem sido rápida, o controle de bolso - que é finalista de dois prêmios de Design, um nacional e um internacional - começa a ser comercializado em todo o Brasil neste ano. (EN. e PS.)



Dispositivo criado por dupla catarinense pretende facilitar automação de ambientes



Empresa especializada em produtos domésticos foi criada por necessidade pessoal

## Inventei, e agora?!

Sabia como proteger sua ideia

**PRIMEIRA ETAPA**

- ✓ Faça uma busca para verificar se não há nada igual ou parecido já patentado. E não adianta procurar pela invenção apenas no seu país... É preciso que seja novidade em todo o mundo. No site do INPI (www.inpi.gov.br) há um sistema de busca para produtos patenteados no Brasil.
- ✓ Crie um relatório para explicar o produto, de forma que uma pessoa especializada possa entender. Quanto melhor for a descrição, mais bem protegido ele estará. Portanto, desenhos - quando necessários - devem ser detalhados. O site do INPI disponibiliza um formulário para depósito de patente que deve ser preenchido.
- ✓ Pague uma taxa de retribuição para os serviços do INPI no valor de R\$ 235\*. Envie os documentos e o comprovante de pagamento da taxa pelo correio ou entregue pessoalmente na sede do INPI, no Rio de Janeiro. Em breve este processo poderá ser feito pela Internet, o que diminuirá o custo para R\$ 175.

**SEGUNDA ETAPA**

- ✓ O depósito do pedido de patente será analisado em aproximadamente 60 dias. Se estiver devidamente explicado, será protocolado.
- ✓ O pedido é divulgado através de publicação na Revista da Propriedade Industrial (RPI) depois de 18 meses da data de depósito.
- ✓ O exame do pedido de patente deverá ser pedido em até 3 anos contados da data do depósito - mas não será iniciado antes de passados 60 dias da publicação do pedido.

**TERCEIRA ETAPA**

- ✓ No exame técnico, será elaborado o relatório de busca e será analisado se o pedido deve ser patentado.
- ✓ Caso o pedido seja negado, há o prazo de 90 dias para que o depositante se manifeste. Concluído o exame, será divulgada a decisão. Caso seja negado, é possível pedir para rever a decisão em até 60 dias.

**QUARTA ETAPA**

- ✓ A patente de modelo de utilidade vale por 15 anos e a de propriedade industrial, por 20. Durante esse período, você tem que pagar uma taxa anual (que também pode ter desconto) para mantê-la, que varia ao longo dos anos e de acordo com o tipo de patente. Depois do período, a invenção se torna domínio público, mas caso haja interesse, é possível renovar a patente.

\* O valor cai para R\$95 (R\$70 pela internet) se for microempresário, microempresa, empresa de pequeno porte, cooperativa, instituição de ensino e pesquisa, entidade sem fim lucrativo ou órgão público caso se referir a atos próprios.  
Fontes: INPI e Anterior Invenções

## Pedidos de patentes na UFSC é baixo comparado a outras universidades

Universidades são espaços por excelência propícios ao desenvolvimento de pesquisas científicas e de alternativas para problemas existentes, além de experimentar e inovar. Com esse propósito, em 1973, foi criado o Núcleo de Invenções Tecnológicas (NIT) para atender o curso de Engenharia Mecânica. Depois, em 1999, o Núcleo foi substituído pelo Departamento de Invenções (DIT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que abrange toda a instituição.

Apesar disso, o número de patentes pedidas e concedidas ainda é baixo, se comparado a outras universidades brasileiras. Em 2010, foram 9 pedidos de patentes da UFSC contra 61 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e 52 da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que lideram a lista. O assistente administrativo do DIT, João Carlos Vicente, aponta que o departamento começou a ser mais divulgado entre os professores recentemente, o que deve aumentar a estatística. Além disso, destaca que todo o trabalho do DIT depende do que é de-

envolvido nos laboratórios - trabalho que, na sua opinião, deveria ser mais incentivado.

Um dos espaços de incentivo à invenção dentro da UFSC é a disciplina Projeto Integrado do curso de Engenharia Mecânica. Um grupo de seis alunos criou, no primeiro semestre de 2012, um novo conceito de guarda-chuva que resolve dois problemas: "A gente tomou como base Florianópolis. Em dias de muito vento ele não supre a necessidade, tanto de proteção, quanto da resistência do próprio guarda-chuva", conta Eugênio Fiorelli Cysne, um dos alunos do grupo.

O resultado foi um produto em formato elíptico que resiste a ventos de cerca de 60km/h. Os alunos do projeto foram aprovados na disciplina e a ideia continuou. Eugênio pensa em desenvolver o projeto no Trabalho de Conclusão de Curso, resolvendo problemas, fazendo testes e estudos para colocar na linha de produção e analisar a fabricação. Tudo isso para, depois da graduação, verificar a possibilidade de patentear a invenção. (EN. e PS.)

## Bolsistas do programa de incentivo à pesquisa estão sem orientadores

O programa Jovens Talentos para a Ciência, criado pela Capes com o objetivo de inserir calouros de Instituições de Ensino Superior (IES) no meio científico, completa o primeiro ano em agosto com resultados pouco sólidos. De acordo com a diretoria da Capes de Programas e Bolsas, em resposta por e-mail, "a Capes considera que os resultados são positivos, mas ainda estão longe do ideal." Na UFSC, as experiências dos 105 bolsistas variam: há quem considere a proposta importante para seu desenvolvimento acadêmico e quem ainda espere por orientadores.

O governo investiu quase nove milhões de reais nos 4.791 bolsistas que participaram do programa em 2012, selecionados através de uma prova de conhecimentos gerais.

Na UFSC, a principal dificuldade, segundo Carina Dorneles, responsável da Pró-Reitoria de Pesquisa (Propeq) pelo JTC, foi definir professores dispostos a orientar os estudantes. "Eles (a Capes) basicamente atiraram pra gente e disseram 'agora vocês definem!'"

O professor Werner Kraus Junior, do Departamento de Automação e Sistemas, orienta Alice Branco, estudante de Engenharia de Automação, e disse que não conhece o programa em detalhes. Ele inseriu a estudante em seu projeto que desenvolve um software de simulação de tráfego urbano e explica que tentou buscar pequenos problemas que desperdassem o interesse dela.

Para Alice, o programa foi importante por permitir um contato com pesquisa



Capella crítica falta de organização

logo no primeiro ano, algo incomum em seu curso. Mas ela afirma que faltou organização no sistema do JTC e que, caso não tivesse ido atrás dos professores, teria ficado sem orientador.

Embora no manual elaborado pela Propeq esteja previsto que o órgão encontraria orientadores para os alunos, na prática faltaram professores - 89 se disponibilizaram.

Bruno Capella, estudante de Medicina, está até agora sem orientador. Foram diversas tentativas sem êxito. Capella disse se sentir um pouco decepcionado, pois tem interesse em pesquisa. Ele afirma que considerou o programa bem desorganizado, mas não pretende levar críticas ou reclamações a Capes.

Marília Marasciulo  
mariliamarasciulo@gmail.com



HIV

# Casais superam medo de contaminação

Karol é a criadora do blog Karoladiscorda que registra a rotina de um casal sorodiscordante

**H**á três décadas foram diagnosticados os primeiros casos de HIV no Brasil e em Santa Catarina. De lá para cá, o vírus, que já chegou a ser atribuído à homossexualidade, atingiu todas as classes e todos os perfis. Essa nova realidade passou a fazer parte das famílias, afetando um ou mais indivíduos. Entre os casais, a sorodiscordância (quando somente um dos indivíduos é portador) começa a deixar de ser tabu. A descoberta da condição é um momento delicado, tanto para aqueles que ficam sabendo do vírus antes do relacionamento quanto para os que o descobrem juntos.

Gil, 41 anos, soube que é portador do vírus há 11. Quando conheceu Karol, 26 anos, vivia uma depressão. Ao descobrir que era soropositivo, afastou-se do convívio familiar, abandonou os amigos e nem sequer tomava o coquetel diário para enfrentar seu problema. Uma semana após conhecê-la, sabia que estava apaixonado e resolveu contar sua condição antes mesmo de começar um relacionamento sério. “Não seria honesto começar uma relação com mentiras. Queria que ela soubesse que teríamos limitações e que poderia estar colocando sua saúde em risco”, recorda.

Há três anos casada com Gil, Karol conta que na hora teve a opção de deixar o preconceito falar mais alto ou optar pela felicidade. Ao escolher a segunda opção, ela estava certa das dificuldades que surgiriam – como o preconceito e os riscos de situações que pudessem provocar sua exposição ao vírus –, mas resolveu encará-las com maturidade. No dia seguinte, ainda



Uma semana após se conhecerem, Gil contou à Karol que era soropositivo há 11 anos: “Não seria honesto começar uma relação com mentiras”

tenha, Karol foi ao Serviço de Assistência Especializada (SAE) da cidade em que o casal vive, Sapucaia do Sul, próxima a Porto Alegre, esclarecer suas dúvidas e buscar aconselhamento.

A infectologista Magali Chaves Luiz do Hospital Nereu Ramos, em Florianópolis, explica que, para amenizar os riscos de contaminação pelo HIV entre casais sorodiscordantes, o tratamento antirretroviral deve ser iniciado assim que um dos dois é diagnosticado portador do vírus. No Brasil, em casais concordantes ou em indivíduos solteiros, o tratamento é iniciado quando a contagem de CD4 no sangue atinge 500 células/mm<sup>3</sup>, quando num indivíduo saudável esse número gira em

## Com coquetel e uso de preservativos, as chances de contaminação são praticamente nulas

torno de 800. Além de manter alta a taxa de CD4 – o que mantém o sistema imunológico em bom funcionamento –, a carga viral no sangue do indivíduo soropositivo tende a baixar com o uso do coquetel, podendo ficar indetectável. Com uma carga viral indetectável e o uso do preservativo, o risco de contaminação é praticamente nulo.

Além disso, no caso de um acidente, como o rompimento do preservativo, a pessoa não contaminada deve procurar o SAE ou um hospital que seja referência em doenças sexualmente transmissíveis, em até 72 horas para iniciar o tratamento de profilaxia, que consiste no uso dos antirretrovirais por 28 dias – o que diminui os riscos de contaminação após a exposição. O tratamento é indicado após a avaliação do infectologista, que leva em conta uma série de fatores estabelecidos pelo Ministério da Saúde, como o tipo de relação sexual, por exemplo. É o mesmo tratamento utilizado em casos de violência sexual e de acidentes de trabalho em que há o risco de contaminação.

Informada sobre a possibilidade de um relacionamento normal com um soropositivo, Karol passou a ter cuidados especiais com Gil, como o simples ato de comprar um chinelo para que ele não ande descalço em casa e a elaboração de uma lista com os horários de seus remédios, a inclusão de vitaminas na sua dieta e uma alimentação saudável. Há dois meses ela criou um blog (karoladiscorda.blogspot.com) para mostrar ao mundo que é possível viver tranquilamente esse tipo de relação, na qual um dos dois é portador do vírus e o outro sabe.

João Schmitz

joaaschmitz@gmail.com

## Parceiros descobrem e encaram juntos a doença

Lucas, 27 anos, e Pedro [nomes fictícios], de 26 anos, namoram há um ano e há quatro meses descobriram que são sorodiscordantes. Fizeram o exame pela curiosidade do primeiro, mas já estavam certos de que ambos estariam na mesma condição sorológica – já que desde o início do relacionamento não usavam preservativo. Para a surpresa dos dois, Pedro era portador do HIV, enquanto os resultados preliminares mostravam que Lucas era soronegativo. A partir daí, o casal procurou um infectologista e descobriu que Lucas poderia estar no período de janela imunológica, quando o corpo ainda não produziu anticorpos o suficiente para acusar a infecção pelo vírus através de exames de sangue.

Após dois meses de angústia, Lucas pode respirar aliviado: seus exames continuaram negativos e ele já estava fora da janela imunológica, que é de 60 dias. A alegria do parceiro deixou Pedro apreensivo em relação ao possível fim do relacionamento, já que o namorado poderia não suportar o risco da infecção. Porém, Lucas optou por continuar o namoro e procurar enxergar apenas o lado bom da situação. “Eu sei que entrei na vida do Pedro para descobrirmos isso ainda no início e o que mais quero é cuidar dele”. (J.S.)

## SC possui grande incidência de AIDS

É através de histórias lúdicas ilustradas por soldados, bonecos, aparelhos de brinquedos e cartilhas coloridas que a psicóloga Simone Scheibe, do Hospital Dia, auxilia no tratamento emocional de crianças e adolescentes soropositivos. Na sua visão, a forma de revelar a doença é crucial para que os pacientes saibam lidar com o vírus no decorrer da vida, auxiliando na adesão dos medicamentos e nos cuidados necessários com a saúde.

Até 2009 foram notificados cerca de 942 casos da doença entre crianças de zero a 13 anos de idade, em Santa Catarina, segundo dados do Ministério da Saúde. Com aparecimento dos antirretrovirais, do acompanhamento das gestantes e da não amamentação materna, houve uma queda brusca nos casos de bebês reagentes para o HIV. O

## Até 2009 foram notificados cerca de 942 casos entre crianças de zero 13 anos

estado é o segundo com maior incidência de AIDS no país chegando a 36%, ficando atrás apenas do Rio Grande do Sul, com um índice de 40%.

O HIV hoje é encarado uma doença crônica, tal como o diabetes, as doenças respiratórias e as cardiovasculares e é tratado por uma gama de medicamentos, chamados de coquetel.

Catarina Back, assistente social do Lar Recanto do Carinho, instituição que acolhe meninos e meninas em

situação de abandono, confirma que muitos deles sofrem discriminação em ambientes comuns como a escola. Esse preconceito surge, na maioria das vezes, pelo instituto abrigar também crianças soropositivas. “Houve uma ocasião em que uma senhora me perguntou se o menino, que ela havia conhecido durante um passeio de nossas crianças ao Horto Florestal, tinha HIV”, desabafa. Preocupada com a vinculação do local com a doença e da exposição saturada das crianças, ela ressalta que é necessário que se tenha extremo cuidado, pois nem todos os 20 abrigados apresentam o HIV positivo e mesmo aqueles que apresentam, merecem respeito e sigilo de suas identidades.

Emanuelle Nunes

emanuelle\_mnunes@yahoo.com.br



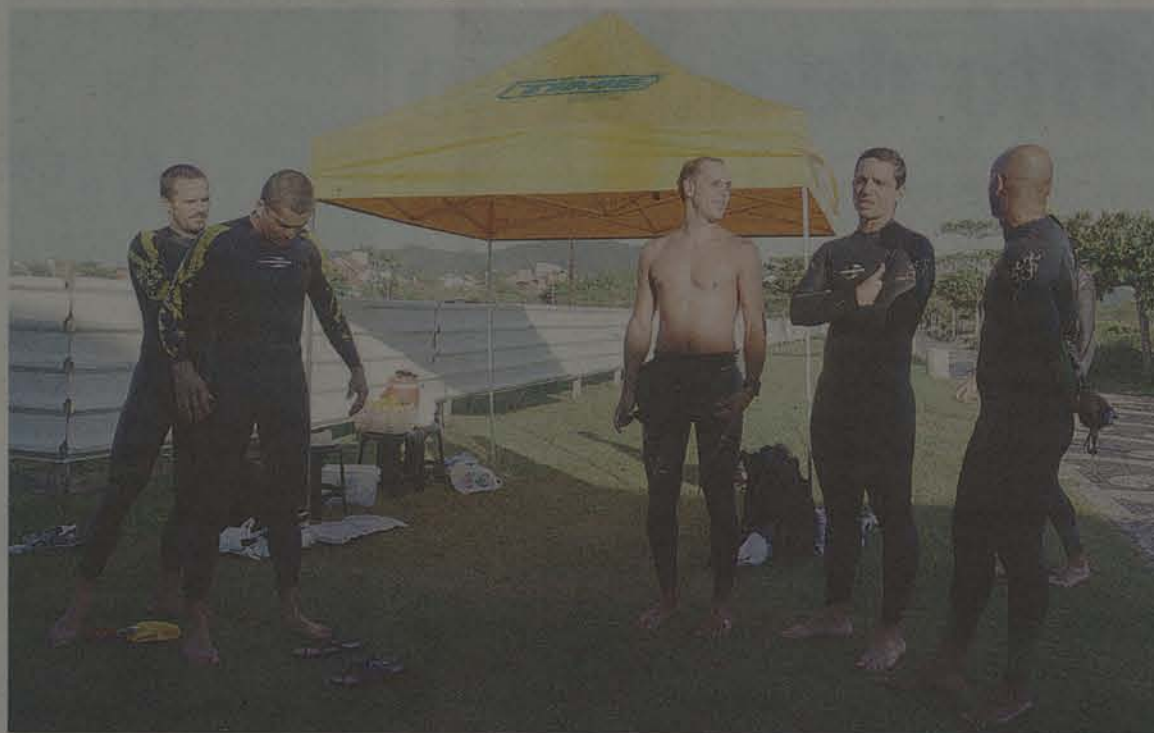
Exercícios orientados

# Assessorias incentivam vida saudável

Treinadores desenvolvem planos personalizados com práticas que variam semanalmente

**R**icardo Matsukura Lindemeyer fumou durante seis anos. Além do vício, o jovem administrador de empresas, hoje com 27 anos, prejudicava a saúde com a falta de exercícios físicos. Tentou ter hábitos mais saudáveis, mas, como a maior parte das pessoas, sentia preguiça e não tinha motivação. “Sempre tem uma coisa melhor para fazer. Em um dia chuvoso, você vai ficar em casa, não vai sair. A disciplina é fundamental pra mim, senão não rola.” Já o engenheiro civil Paulo Henrique Velloso, 31 anos, sempre gostou de esportes, porém teve que parar de praticar atividade física por causa de três cânceres, que apareceram em um intervalo de seis anos. Depois de concluído o tratamento, começou a correr e pedalar por conta própria, o que causou lesões no joelho. “Correr na praia era uma maneira de me sentir vivo. Saía para refletir, pensar em tudo e às vezes para não pensar em nada”.

Enquanto um precisava de ânimo e disposição, o outro desejava acompanhamento e orientação profissional. Mesmo com histórias diferentes, Lindemeyer e Velloso tiveram a mesma ideia: procurar uma assessoria esportiva, que são empresas especializadas em orientação na prática de esportes. Hoje, cerca de duas mil pessoas fazem treino orientado em Florianópolis. Esses grupos oferecem estrutura com tenda, alongamentos, exercícios educativos para postura e equilíbrio, caminhadas e treinos



Mesmo aos finais de semana, alunos vão cedo à praia para cumprir a programação de atividades físicas

de corrida, bicicleta e natação. A mensalidade varia de acordo com os planos, mas a média é de R\$ 80,00. A empresa pioneira na Capital, Tribo do Esporte, foi criada há dez anos e, de lá para cá, mais de 20 outras equipes entraram no ramo. “A gente via que muitas pessoas faziam atividade física nos parques sem orientação, o que pode trazer sérios prejuízos. Então veio a ideia de criar uma assessoria para ajudá-los”, conta Fabiano Braun, proprietário da Floripa Runners, iniciada em 2009.

## Diferente das academias, nessas equipes há pouca ou nenhuma desistência

Os exercícios são sempre diferentes. Toda semana o aluno recebe do treinador uma planilha que determina qual o ciclo de treinamento indicado, seguindo os objetivos e limites da pessoa. Ao fim da

planilha, o desempenho deve ser relatado ao instrutor. Mariana Andrade, sócia e treinadora da Treinamento Individualizado MultiEsportes (TIME), criada em 2012, esclarece que eles fazem uma avaliação inicial através das finalidades do aluno. “A gente pergunta se ele entrou pela saúde e bem-estar, para completar alguma prova de 5km ou para fazer um Ironman. Em cima desses objetivos e da aptidão física da pessoa a gente faz toda a prescrição do treinamento”, acrescenta.

Diferente de academias de musculação, onde a rotatividade é gran-

de, nesses grupos há pouca ou quase nenhuma desistência, como ressalta Braun. “A gente não tem essa questão de o aluno sair, conseguimos mantê-los. Até agora, no ano de 2013, não teve um aluno que saiu da assessoria e isso é muito legal.” A corrida, se orientada e acompanhada por um profissional, diminui o colesterol e o peso corporal, e previne diabetes e problemas do coração, como derrame e infarto. Além disso, melhora o bem-estar e o rendimento físico e a pessoa tem uma qualidade de vida melhor. Quando feita em grupo, o aluno apresenta mais interesse. “Eu me mantenho mais motivado a partir do momento que eu sei que vou me encontrar tal horário, tal dia, com a equipe”, enfatiza Velloso, que entrou em uma assessoria esportiva há três anos e meio. Os treinos variam de duas a quatro vezes de segunda à sexta, em lugar e horário fixo. Nos fins de semana, geralmente acontecem exercícios em alguma praia.

Para atuar com assessoria esportiva, os instrutores precisam ter registro no Conselho Regional de Educação Física. Braun explica que “se o exercício físico não for realizado de forma personalizada, ele não terá efeito algum”. É essencial a precaução a possíveis dores e excessos. “Hoje eu vejo que estava fazendo tudo errado. Acredito que tudo isso contribuiu para que eu me machucasse, obrigando a ficar um tempo sem fazer o que tanto gosto, que é correr”, desabafa Velloso.

## Grupos interagem fora dos treinos

Além do apoio técnico oferecido pelos treinadores, quem busca uma assessoria esportiva também acaba fazendo amizades. A programação social inclui atividades para todas as idades e perfis. Fabiano Braun, proprietário e treinador da Floripa Runners, garante que tem alunos de 18 a 60 anos, que entraram por razões diferentes. Há as pessoas que entram pela questão de saúde e bem-estar, para diminuir o peso e sair do sedentarismo e há também atletas que querem melhorar o rendimento para completar competições.

Os treinos se transformam em competições, viagens, happy hours, churrascos e festas. Claudia Roennau, 30 anos, corre há quase um ano e conta que no começo tinha a companhia do marido, mas com a diferença de ritmo entre eles, passou



Floripa Runners viaja a Urussanga para competir

a correr e se aproximar de outros integrantes. A parceria, agora, vai além dos treinos. “Eu tenho muitos amigos dentro da assessoria, de marcar treinos e já emendar um almoço ou uma janta. Amigos que viajam juntos pra correr em algum lugar e depois passar o final de semana inteiro em

companhia. Nosso grupo já é uma família, estamos quase sempre juntos”, relata.

O engenheiro Paulo Henrique Velloso conta que indicou o grupo para um amigo de Portugal que se mudou e ainda não conhece ninguém. “Acho que é uma maneira bem legal de se fazer amigos. Fiz vários desde que comecei a participar.” Velloso não foi o primeiro a ter essa ideia. Tatiane Copeli, de 33 anos, se mudou para Florianópolis e decidiu entrar em um grupo para conhecer pessoas. “Entreí faz uma semana, estou adorando, e logo vou fazer amizades”, prevê.

Camila Peixer

camilaoliveira@peixer@gmail.com

## Qual é a sua?

Antes de começar a praticar algum exercício físico é essencial saber essas informações que irão facilitar na escolha do tênis. O uso correto do calçado pode evitar o agravo de uma lesão ou outro tipo de machucado, que provoque incômodo e atrapalhe o seu desempenho.

### Conheça os três tipos de pisada



**Pisada pronada:** Assim que toca o chão, o pé se apoia no seu lado mais interno e se contorce para dentro, usando o dedão para ganhar impulso. O calçado ideal é menos flexível, com mais estabilidade e controle do movimento.



**Pisada neutra:** O pé toca o chão apoiando o lado externo do calcanhar e se move lentamente para dentro, seguindo em linha reta até a elevação do dedão. Procure por calçados entre amortecimento e estabilidade.



**Pisada supinada:** O pé toca o chão no lado externo do calcanhar e continua o movimento usando o seu lado mais externo, ganhando impulso no dedinho. Procure um calçado que proporcione aumento do amortecimento e da flexibilidade.

Fonte: Globo Esporte.com



Família especial

# Adulto com síndrome de down representa caso inédito de adoção

Após viver em abrigos, Josué terá um lar aos 25 anos

**C**arinhoso, carismático e muito ativo. A coordenadora do Centro Educacional São Gabriel, Daiana Vieira, derrete-se ao falar de Josué Silva, um dos moradores da instituição. Portador de Síndrome de Down, ele foi abandonado poucos dias após seu nascimento e passou a vida inteira morando em abrigos. Agora, aos 25 anos, o rapaz vê pela primeira vez a possibilidade de ter uma família, em um caso raro de adoção.

Maria de Lourdes, 50 anos, é funcionária pública e tem duas filhas biológicas, uma com 22 e outra com 24 anos. Ela conheceu Silva no final do ano passado, num evento da Cooperativa Social de Pais, Amigos e Portadores de Deficiência (Coepad), onde ele trabalha há cerca de um ano. Algumas semanas depois do primeiro contato, Maria passou a visitá-lo no Centro Educacional São Gabriel, em São José, e afirma ter se encantado. Logo veio a

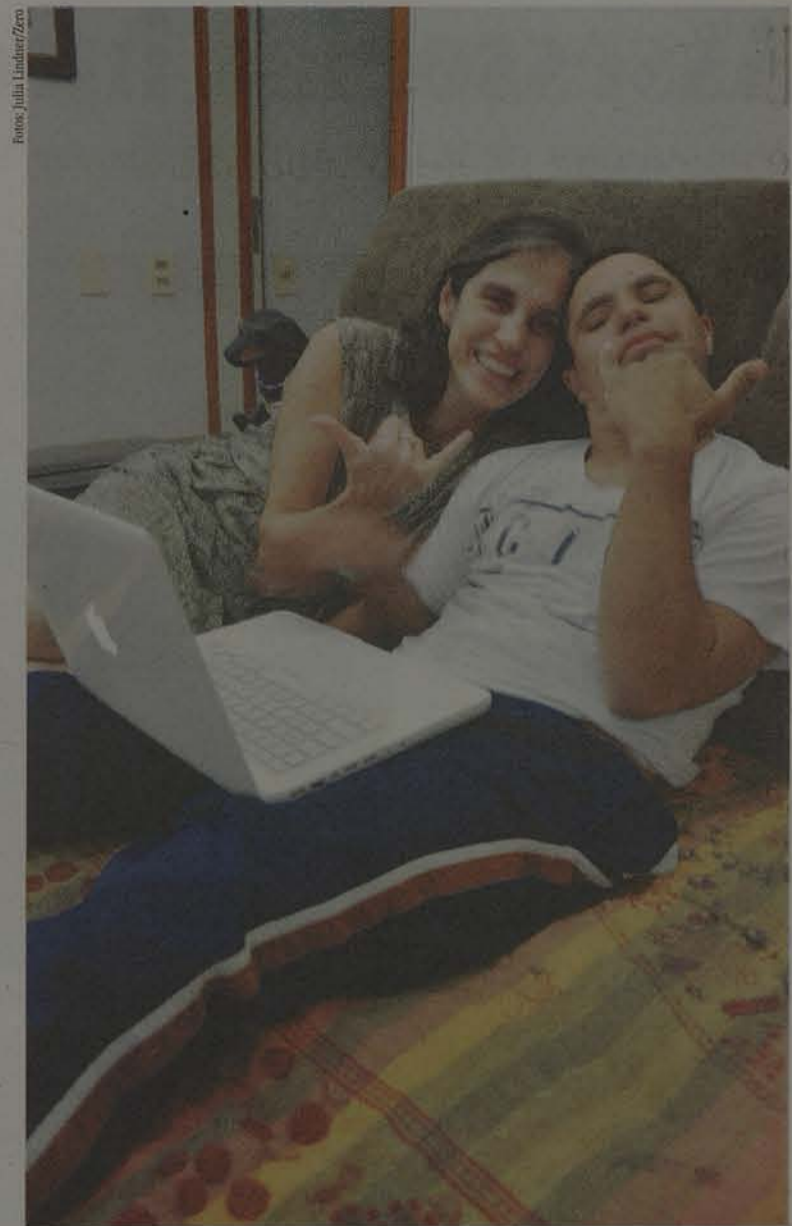
## Cor da pele, idade e doenças podem complicar o processo de acolhida no Brasil

certeza de que queria adotá-lo e entrou com um pedido na Justiça para buscá-lo aos finais de semana - e conseguiu. Desde o último Natal, ele já frequenta a nova casa de sexta a domingo. Além de trabalhar no período da tarde, Silva também estuda, faz natação e adora jogar futebol.

Esse é um caso inédito. Apesar de existirem outros casos de adoção de adultos no país, normalmente se caracterizam para formalizar uma situação de convívio já existente durante anos. Lourdes garante que sabe das responsabilidades e do compromisso

que está assumindo, até porque tinha uma irmã com Síndrome de Down que cuidou durante toda a vida, até seu falecimento em 2008. Ela ressalta que está disposta a enfrentar o processo de adoção, mesmo que demore, porque mais do que uma curadora, quer ser uma mãe para Silva e tratá-lo como suas outras filhas.

No Brasil, quase 30 mil casais estão na espera para adoção, número superior ao das cinco mil crianças que estão cadastradas. Ainda assim, a fila não anda, principalmente por causa das exigências dos futuros pais. "A maioria das pessoas busca a adoção a fim de preencher algum vazio ou solucionar um problema pessoal, por isso, crianças acima de três anos, com algum tipo de doença, um número grande de irmãos ou mesmo a cor da pele podem se tornar complicadores no processo", avalia o advogado Leonardo Thieves.



Ele já passa os finais de semana com Lourdes, a quem chama de mãe

## São Gabriel abriga apenas 21 pessoas

A instituição abriga 21 moradores, entre 22 e 49 anos de idade, e é uma organização de acolhimento de alta complexidade. Todos chegaram lá crianças ou jovens e possuem algum tipo de deficiência intelectual ou Transtorno Global de Desenvolvimento, que exigem cuidados especiais.

Essa é a única instituição desse tipo na Grande Florianópolis oferecida pelo Governo do Estado. Segundo a assistente social Silvana Thiesen, são vários os casos de crianças que chegaram ao centro somente para estudar ou fazer algum tipo de tratamento e acabaram sendo abandonadas por suas famílias.

Até 2010, o São Gabriel contava apenas com alguns monitores, mas, após denúncias de maus tratos, um concurso público foi aberto para que o centro se adequasse à legislação vigente. A partir daí, uma equipe com técnicos de enfermagem, assistente social, nutricionista, psicólogo, pedagogo e enfermeiro, passou a fazer um trabalho mais direcionado com cada morador, chamado de Plano Individual de Acolhimento (PIA). Ao todo são 30 funcionários, que desenvolvem trabalhos de inclusão social, reabilitação



Coepad contratou Silva há um ano

e inserção no mercado de trabalho. Entre os acolhidos, cinco trabalham em empresas e 18 participam de cursos e atividades externas.

Para Thiesen, apesar de ter melhorado, a estrutura do local é precária e os anos de abandono interferiram no desenvolvimento desses jovens. Ela destaca que uma das necessidades mais urgentes é o tratamento com uma fonoaudióloga, já que quase todos os acolhidos ficaram com a fala comprometida. Até cerca de três anos atrás, os moradores não possuíam sequer um histórico com seus dados, que es-

tao sendo recuperados, assim como as tentativas de contato com as famílias. "Esse é um processo demorado, a gente costuma dizer que agora é que eles estão começando a construir a história deles", completa.

Segundo Daiana Vieira, a equipe técnica busca melhorar o ambiente da instituição, que apesar de espaçosa, não tem o aconchego de um lar. "O governo aprovou uma reforma para oferecer o serviço da maneira mais parecida possível a que encontrariam em uma casa comum. O local deve proporcionar privacidade, conforto e autonomia para realizar tarefas domésticas rotineiras", relata Vieira. Estão previstos investimentos de R\$ 639 mil para a criação de quatro diferentes casas, que receberão de cinco a seis acolhidos até 2014.

Vieira conta que recebe de dois a três pedidos por semana para acolher pessoas, mas só abrem novas vagas quando alguém morre. Para a juíza Ana Cristina Borba, faltam políticas públicas, pois os ambientes disponíveis estão longe do ideal.

Julia Lindner  
juliatindner@gmail.com

## Fila de espera da OCA chega a 298 pessoas

"A gente vive de esmola", desabafa o padre José Manoel dos Santos, mais conhecido como padre Maneca, diretor da entidade filantrópica Orionópolis Catarinense (OCA), fundada em 1990. Além do São Gabriel, a instituição, localizada em São José, é o único serviço de acolhimento gratuito disponível para adultos com deficiência da Grande Florianópolis. Lá estão acolhidos cerca de 70 moradores, entre homens e mulheres, com faixa etária entre 10 e 60 anos, que possuem deficiências múltiplas e severas. Atualmente, há 298 pessoas na fila de espera da entidade. Segundo o padre Maneca, até existe um convênio com a prefeitura de São José, mas ele não cobre nem metade das despesas. Por isso, eles precisam organizar eventos para sobreviver, como um churrasco que ocorre duas vezes por mês e alguns bazares de roupas, móveis, utensílios domésticos e outros objetos que funcionam de segunda a sexta-feira. Existem 65 funcionários trabalhando no local, como fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psiquiatras, psicólogos e professores. Padre Maneca afirma que a maior dificuldade é justamente manter profissionais qualificados com salários dignos. Doze desses funcionários foram cedidos pelo governo através de concurso público.



Mobiliário depende de doações



Ufologia

# Eles contam histórias de outro mundo

Pessoas de diferentes países narram experiências de encontro e abdução por extraterrestres

“**K**arran mede 2,05 metros, é atlético, moreno, tem olhos verdes, é calmo e sério. Um homem como nós, mas com a expressão facial de um felino. Nosso primeiro contato durou dois dias. Ele fez com que eu visse a eternidade do ser. Disse-me: “Saia de tua matéria e verás que tu és a mente que pode ver, que pode sentir, aprender e raciocinar. Então, entenderás que a matéria é somente uma parte e não totalmente você”.

Bianca de Oliveira conta que foi abduzida quando viajava do Rio de Janeiro para Belo Horizonte com o marido, em janeiro de 1976. Na estrada, a então vendedora de enciclopédias Barsa e o funcionário do Banco do Brasil, avistaram um grande balão. Logo em seguida, o balão sumiu e um objeto semelhante a um avião sobrevoou o carro, que ficou paralisado. “Em momento algum pensei que fosse uma nave espacial. Depois de alguns instantes de falta de gravidade e escuridão, as luzes se acenderam e dois homens desceram. Nesse momento, senti tanto medo que desenvolvi uma gagueira que durou por mais de ano”. Ela relata que o casal foi levado a bordo de uma nave e se comunicou com extraterrestres, que se identificaram como Karran e Zir, utilizando aparelhos similares a fones de ouvido acoplados a capacetes capazes de traduzir instantaneamente as infor-



Empresário viu a Terra em ruínas



Estilista registra naves espaciais

mações e enviá-las para um equipamento parecido com um notebook. De acordo com a teoria ufológica espiritualista, as abduções acontecem pela necessidade de transmitir informações técnicas ou espirituais que corroborem no processo de harmonização do planeta Terra.

O medo restringiu-se ao primeiro contato. No ano seguinte, Karran retornou e, desde então, Bianca realiza um trabalho no método de Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência (TFCA) orientado por ele na fazenda Maik-Buz, em Santo Antônio do Descoberto, Goiás. Os ensinamentos de Karran estão reunidos em livros disponíveis gratuitamente no site da TFCA. “Nenhuma das religi-

ões que fiz parte admitia a possibilidade de vida em outros planetas ou após a morte. Aprendi com Karran que o ser humano é eterno e jamais será pó, já que a consciência é que nos move no universo.”

Antônio Urzi é estilista na linha prêt-à-porter de Giorgio Armani e criador de alguns figurinos da turnê Born This Way, da cantora Lady Gaga. Mas além do trabalho no mundo da moda, o italiano tem uma câmera Canon 60D apontada para o céu no terraço de seu apartamento nos arredores de Milão, onde filma óvnis. Ele garante que, desde criança, atrai naves espaciais onde estiver e registrou mais de duas mil vezes o aparecimento delas em países como

México, Turquia, Portugal, Itália e Estados Unidos. Ele e a mulher, Simona Sibilla, mantêm um canal no YouTube com os registros. Mesmo que consiga ver as naves a olho nu, Antonio acredita que sua missão seja gravá-las na melhor qualidade possível para provar ao mundo a existência de seres extraterrestres. “Antes da manifestação dos ovnis, sinto a presença. Não encaro como um sexto sentido, mas como uma comunicação de outra dimensão. O cérebro funciona como uma rádio que recebe e emite mensagens, e alguns seres se sintonizam na mesma frequência vibratória e se comunicam a partir disso. É o que acontece comigo e com outros contatados no mundo.”

Religioso, o ufólogo tem em seu perfil no Skype a mensagem “Cristo antes a todos” grafada em maiúsculas com vários pontos de exclamação. Urzi descarta qualquer tipo de contato violento com extraterrestres “Eles estão aqui para nos

ajudar e propor uma troca de energia a nível interplanetário. A Terra também é um ser vivo e nós não estamos em harmonia com ela, porque priorizamos condutas materialistas em detrimento do desenvolvimento

da espiritualidade. É um processo de purificação global, a própria natureza responderá ano após ano.”

O empresário Asis Univers garante manter contato com Ufos em várias regiões dos Andes desde quando era uma criança de colo – adotou o pseudônimo por ser devoto de São Francisco de Assis e para divulgar suas experiências ufológicas sem expor sua identidade profissional. O peruano afirma se comunicar telepaticamente com extraterrestres e conta que já teve contatos de 2º, 3º e 5º grau, como na ocasião em que, enquanto via naves em Chilca, no Peru, a cidade inteira ficou sem luz devido a uma pane elétrica. Ele considera importante os avistamentos que teve na companhia da mulher e do filho e crê que esses seres se comunicam com pessoas que têm

algum nível de abertura mental, que buscam o bem-estar da humanidade e que prezam pelo equilíbrio físico e espiritual. Em 1994, ele recebeu a seguinte mensagem: “Quere-

**“Não encaro como um sexto sentido, mas como uma comunicação de outra dimensão”**

Antônio Urzi, estilista

mos que não chegue o dia em que ao se levantarem seja muito tarde para se darem conta de que não fizeram nada para impedir”, durante o contato, Asis enxergou todo o planeta sem luz, desabitado e em ruínas.

## Graus de contato

- 1 **Contato imediato de primeiro grau**  
o simples avistamento de um objeto, normalmente a distância;
- 2 **Contato imediato de segundo grau**  
é deixada alguma evidência física do acontecimento, marcas no chão, árvores ou vegetação com marcas de queimadura. Essas evidências em alguns casos podem ser deixadas no próprio corpo da testemunha;
- 3 **Contato imediato de terceiro grau**  
acontece quando há o avistamento, a certa distância, de seres ou tripulantes do objeto;
- 4 **Contato imediato de quarto grau**  
há um contato próximo com os seres ou tripulantes, com possibilidade de comunicação direta, na própria língua da testemunha, ou mais frequentemente pelo que se acredita seja por via telepática;
- 5 **Contato imediato de quinto grau**  
quando a testemunha é levada, por livre vontade ou por algum tipo de coação, para bordo do objeto, nesse último caso configurando uma abdução.

Fonte: Revista UFO

## Três teorias explicam o fenômeno

As histórias de Bianca, Urzi e Univers se assemelham à teoria espiritualista. A visão de que há outros mundos habitados não é exclusividade da ufologia. O espiritismo também prega a existência de outros universos, níveis e formas de vida. O escritor e médium do centro Nosso Lar, Adilson Maestri, concorda com a comparação de Urzi “Nós somos feitos dos mesmos elementos que a Terra, por isso estamos na mesma faixa vibratória. Esse enquadramento nos faz perceber, a partir dos cinco sentidos, o que é o mundo material. Mas existem outros planetas com outras frequências vibratórias, que não são perceptíveis para nós.”

A doutrina espírita aceita a hipótese de que os seres que habitam outras dimensões possam ter tecnologias desenvolvidas distintas das nossas e, também, que estamos passando por

## I Fórum Mundial de Contatados reuniu na Ilha testemunhas de casos ufológicos

um processo de transição para uma nova era. “Esse período pode estar sendo monitorado por forças superiores para que possamos fazer uma transição mais serena. Jesus, Budha, Moises e todos os avatares trazem a mesma mensagem. Embora a forma de falar seja diferente, sempre é pautada no amor e na bondade”, completa Maestri.

Além da teoria espiritualista, existem outras duas versões fortemente aceitas dentro da comunidade ufológica. A primeira é a teoria de que os

alienígenas estejam vindo para a Terra a fim de pesquisar para a criação de uma raça híbrida. A mais respeitada delas é a de que os extraterrestres são exploradores que, assim como nós, lançam missões espaciais.

Bianca, Urzi, Univers e outras quatro testemunhas de famosos casos ufológicos deram seus depoimentos no I Fórum Mundial de Contatados, que ocorreu entre os dias 14 e 16 de junho, no hotel SESC Cacupé, em Florianópolis. O evento, realizado pela revista UFO e patrocinado pela TAM, trouxe também sete pesquisadores de diversas nacionalidades. “Se espero ver algo em Florianópolis? Sempre há esperança! Seria ótimo um avistamento no Brasil junto com os participantes do fórum”, imagina Urzi.

Pâmela Carbonari  
pamelacarbonari@gmail.com



Mãos que curam

# Benzedadeiras mantêm tradição popular

Costume não está relacionado a uma religião específica e tem adeptos de diversas gerações

Quando se fala em benzedeira logo se pensa na senhora de cabelos brancos com um galho na mão. Existem muitas delas espalhadas por Florianópolis, onde a prática, mesmo em declínio, ainda é comum. Nos bairros do Sul ao Leste da Ilha, facilmente são encontradas. Não mais da forma tradicional como está enraizado no imaginário popular, mas alfabetizadas, trabalhadoras e com estrutura própria para a prática.

É difícil registrar como e quando surgiu o costume. Algumas benzedadeiras acreditam que seja uma forma spiritu-

al conhecida desde a Idade Média, outras dizem que foi resgatada pelos açorianos colonizadores. Sueli, benzedeira da Barra da Lagoa, explica que, quando era jovem, a região onde foi criada, na Fortaleza da Barra, não era asfaltada e havia muita dificuldade para ter acesso a hospitais. Por isso o poder da cura das benzedadeiras ganhou força.

Tornar-se benzedeira é um dom. Não adianta repassar as rezas e benzeduras se a pessoa não possui a conexão. É preciso estar próximo espiritualmente de uma força maior e curar como uma forma de retribuição. "Se Deus me deu, eu tenho que dividir com as pessoas.

Não é para mim, é para quem precisa", explica Sueli.

Por ser algo proporcionado por uma força superior, não se tem valor agregado e é considerada uma ofensa entre elas quando se cobra em dinheiro. Para Camila Gomes, benzedeira da Lagoa da Conceição, "a pessoa fica à vontade, se puder retribuir de alguma forma, tudo bem. Se não puder, tudo bem também."

Elas reforçam que é preciso acreditar para que se encontre o caminho da cura. "A sociedade atual é guiada pela evidência, deixamos a subjetividade de lado. E é quando você usa o 'sentir' que as coisas acontecem", observa Camila.



Imagens e símbolos de diferentes crenças decoram a sala de orações



Sueli atende cerca de dez pessoas por dia em uma sala reservada nos fundos da sua casa na Barra da Lagoa

## Doméstica de dia, curandeira de noite

O portão na casa da Sueli está sempre aberto. Não precisa tocar a campainha, bater na porta ou telefonar. Basta ir entrando, caminhar alguns metros e sentar-se à mesa rústica de madeira no fundo da casa. Se a sala estiver com a porta fechada, é só esperar alguns minutos, conversando com os filhos e netos que brincam e transitam por ali.

Há 25 anos trabalha como empregada doméstica. Quando chega o final da tarde começa a movimentação nos fundos da casa. Enquanto está lá, Sueli, com seus 62 anos, não tem descanso. Atende cerca de dez pessoas, homens, mulheres, crianças e idosos. "Às vezes vem até gente de fora, de muito longe me procurar".

Na realidade, Sueli se chama Carmen Adriana dos Santos. Quando

nasceu, seu pai estava pescando no Rio Grande do Sul e a mãe decidiu batizá-la com o nome que gostava. Dois meses depois, ao voltar, o pai resolveu registrar a menina com outro nome. Quem perguntar por Carmen ficará sem resposta. Para os que vivem na região, a benzedeira mais conhecida é outra: a Sueli da Barra.

Aos oito anos, desmaiava constantemente e falava frases sem sentido. O pai costumava dizer: "isso é coisa de espírito". Na época, o médico disse que conforme fosse ficando mais velha iria melhorando até passar. Mas só melhorou quando começou a benzer, aos 15 anos.

"Arca caída" foi a primeira cura. É um nervo entre as costelas que está machucado, então, através da benzedura, ela coloca a lesão no lugar. Muitos

chegam até ela reclamando de dores de cabeça, outros de falta de apetite, falta de sono e alguns querem arranjar emprego. Faz a benzedura ou uma reza, mas para a cura se dar completamente, "tem que acreditar e ter fé".

As orações são feitas com o a companhia de Chico Xavier, Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida e outros santos. Ao longo do dia e em suas benzeduras, é guiada pelo próprio anjo da guarda, que ela acredita ser uma freira. Nunca viu espíritos e nem a sua protetora, mas consegue ouvi-los.

Sueli gosta de benzer a pessoa três vezes. Um dia seguido do outro ou a cada semana, não importa. Mas mesmo depois das três visitas, sempre que achar necessário pode-se entrar no portão da casa rosa com janelas verdes na Barra e ser novamente acolhido.

## Jovem largou a profissão para se dedicar à prática da mediunidade

"É tu que benze ou tua avó?", é a pergunta mais comum quando Camila Gomes abre as portas de madeira na Lagoa da Conceição. Com 32 anos, é ex-psicóloga e se considera uma benzedeira pós-moderna. A vida com os dois filhos, o marido e a relação com o trabalho não são nada convencionais. Ela não usa a mente no dia a dia, e sim a intuição. "Me rendi, hoje sou conduzida por algo divino."

Durante o curso de Psicologia, ela mesma se diagnosticou como esquizofrênica. Só depois entendeu que o que sentia não estava relacionado à doença. Fortemente ligada à espiritualidade, aos 22 anos, se descobriu médium. Ouvia vozes, desmaiava com frequência e via espíritos. Quando as pessoas se aproximavam, conseguia sentir a dor e sabia o que aconteceria com algumas delas através de sonhos.

Em visitas frequentes ao Hospital Psiquiátrico (HCTP), durante o curso,

via aquelas pessoas como médiuns em desequilíbrio. "Todas estavam passando pelo que eu passei, só que nenhuma teve coragem de aceitar isso, já que a sociedade vê como um problema". Estudou em um centro de Umbanda por oito anos aprendendo a benzer, incorporar espíritos e manipular diferentes ervas. Na espiritualidade foi onde encontrou a solução para o que tinha.

Rompeu há quatro anos com o Conselho de Psicologia, porque entendia que a sua prática não condizia com os princípios da profissão. "Sentia como uma bruxa da Idade Média, sempre com medo de ser cassada pelo que eu acreditava e por fazer algo que não fazia parte do Conselho".

Até o ano passado era guiada por um mentor, o Pai Thomé, seu principal guia na espiritualidade. Quando sentia a presença dele, cedia o corpo para que pudesse incorporar e fazer as benzeduras. Foram seis anos trabalhando juntos, mas desde que o Pai precisou ir embora, sente a presença de outros seres auxiliando nas curas.

Não pode beber, fumar, comer carne, frequentar lugares que tenham influências muito negativas e não pode planejar a vida diária nem o futuro. "As minhas responsabilidades são muito maiores do que qualquer um que trabalha oito horas por dia". Nos últimos meses Gomes começou a receber cartas nos momentos de introspecção. Pessoas que já morreram conseguem, através dela, passar recados para parentes que anseiam por respostas. O mesmo processo de psicografia de Chico Xavier. "É uma dádiva. Fico lisonjeada por poder ser esse canal que possibilita a felicidade das pessoas".



Camila cultiva ervas para as curas

Mariana Moreira  
moreira.mariana@gmail.com



Sociedade alternativa

# Músicos se unem em coletivo de bandas

Proposta d'O Clube é valorizar a produção autoral de grupos independentes em Florianópolis

O local era a Casa de Noca, conhecido reduto do samba de raiz e da MPB na Lagoa da Conceição. Mas na noite do dia 24 de maio o som era outro. Solos de guitarra, e até uma tentativa de rodinha punk faziam parte da festa mensal d'O Clube, um coletivo de bandas independentes de Florianópolis.

Formado atualmente por nove bandas — Besouros da Praia, 5!!, Blame, Califaliza, Damadeira, Eutha, End of Pipe, Insúbite e Somato —, O Clube possui uma proposta de valorização da música autoral. Com diferentes estilos, que vão do reggae ao *hardcore*, as bandas participantes podem tocar *covers*; mas nas festas do coletivo, só composições próprias.

O Clube foi criado em 23 de novembro de 2011 e é inspirado no Clube da Luta, coletivo extinto dois anos antes. Marcelo Mancha, guitarrista do Eutha, conta que embora não existam bandas remanescentes do primeiro grupo, “foi a turma antiga que deu o aval”. Por isso, parte do nome permaneceu. “A ideia era fazer algo novo, mas sem esquecer o que já tinha sido feito”, recorda Geraldo Borges, coordenador d'O Clube.

Baixista da Blame, Borges é formado em administração e pensa O Clube como uma empresa de modo



As bandas Blame, Califaliza e Five 5 Boys tocam juntas em apresentação do mês de maio na Casa de Noca

cooperativo. Para isso, o movimento é dividido em setores e cada banda tem pelo menos um representante em uma função específica: criação, financeiro, comunicação, que se reúnem semanalmente. Além da coordenação geral, Borges também é res-

ponsável pela organização das festas mensais que são realizadas na Casa de Noca, no General Lee ou no Célula, com participação de bandas do coletivo e convidadas.

É das festas que vem a maior parte dos recursos. Não há divisão

de cachês e o dinheiro vai para uma caixa comum para ser empregado no próprio coletivo. A principal aquisição feita foi de uma máquina de CDs, para diminuir os custos sem a necessidade de produzir em larga escala e, nas palavras de Borges,

“piratear o próprio trabalho.”

Outro projeto é o Palco Aberto, evento realizado a cada dois meses no General Lee e destinado à bandas que não fazem parte do coletivo. A ideia é que os músicos levem apenas “baqueta e palheta” e usem a estrutura e os instrumentos fornecidos pelo Clube. A única exigência por parte dos organizadores é de que as músicas sejam autorais.

Também é do coletivo a produção da edição de sábado do Música SC da Rádio Udesc FM. O programa vai ao ar diariamente, exceto aos domingos, das 20h às 21h. Durante a semana, é apresentado por Teco Padaratz, e aos sábados, por um integrante d'O Clube. Guilherme Coutinho, vocalista da Califaliza, tem como função no coletivo a direção de um programa com músicas e informações de bandas independentes de todo o estado. “A prioridade é por bandas que estão na ativa e que têm gravações com qualidade de som adequada, o que nem sempre é fácil de encontrar”, explica. O músico acredita que mesmo com a internet, os meios tradicionais de comunicação continuam importantes para novos artistas. “Quando tocamos com outra banda os fãs de uma acabam conhecendo a outra, tentamos fazer o mesmo no programa de rádio.”



Solos de guitarra e até uma tentativa de rodinha punk fizeram parte da festa mensal d'O Clube no reduto de samba e MPB da Lagoa da Conceição



## Falta apoio para divulgação da produção local na cidade

A frase de Groux Marx “eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio” espalhada em cartazes pela cidade e as Intervenções Urbanas, apresentações em lugares inusitados como ônibus e marquises, são algumas das ações promovidas pelo Clube no sentido de tornar o movimento conhecido. “Não existe banda com um público consolidado em Florianópolis, é preciso correr atrás. A banda que quer fazer só música está fadada ao insucesso”, acredita Geraldo Borges.

O baixista lamenta que a produção local tenha pouca visibilidade dentro de Florianópolis, tanto nas rádios quanto nos festivais. Guilherme Coutinho faz coro: “o que esperar de um cenário em que o Dazaranha é colocado para abrir o palco B do Planeta Atlântida?” Para o vocalista da Califaliza isso acaba se tornando um ciclo, “se a banda não faz shows não vai conseguir tocar nas rádios, e sem tocar nas rádios as casas não querem chamar.”

Borges e Marcelo Mancha, do Eutha, concordam que a profissionalização esbarra na falta de organização e no fato de que as bandas surgem e acabam muito rápido. “Às vezes pensamos em chamar alguma banda para O Clube, mas quando percebemos ela já se desfez”, lamenta o baixista da Blame. O vocalista do Eutha completa: “mas existe uma cena em Florianópolis, ela só não é mais forte porque não existem muitos Clubes por aí.”

Merlim Malacoski  
merlimiriane@gmail.com



Em movimento

# Arte, esporte e erotismo em uma só dança

Pole dance deixa boates, difunde-se em academias e motiva competições

Uma das paredes da sala é completamente preenchida por espelhos e há três postes fixados lado a lado. Eu já sabia que não se tratava de um estúdio de *ballet* nem de academia, mas precisava ver de perto como uma dança conhecida popularmente pela sensualidade poderia representar mais do que atração em boates e casas noturnas. A curiosidade me levou, assim como a outros adeptos da dança, a enxergar o pole dance como atividade física, forma de expressão e até mesmo arte.

Mais conhecida como dança do poste, a atividade possui movimentos diretamente ligados ao pilates e à ginástica olímpica. Desenvolve principalmente força, flexibilidade, equilíbrio e consciência corporal, por isso tem atraído cada vez mais quem se interessa por superar desafios e deixar o corpo em forma. Esse interesse pode aumentar e fazer com que um aluno se torne instrutor em questão de meses. O professor Jean Jacinto, 21 anos, foi convidado a dar aulas após participar da primeira competição, aos três meses de prática. Assim que recebeu o convite, buscou capacitação profissional para dar mais qualidade e credibilidade ao seu trabalho. "São inúmeras as vantagens em praticar, faz evoluir mental e fisicamente", diz Jacinto.

A atividade é de esforço moderado a intenso, pois exige que a pessoa sustente o próprio peso numa barra vertical enquanto executa movimentos. Mais importante que deixar o corpo torneado, o pole dance é capaz de trazer bem-estar e satisfação pessoal. "Traz uma experiên-

cia estética que faz com que o praticante se sinta completo e bem consigo mesmo, pois aquilo tem significado para ele", observa a professora Luciana Fiamoncini, idealizadora do projeto de extensão Acrobacia Aérea em Tecido, da Universidade Federal de Santa Catarina.

As chances de ocorrerem lesões durante o exercício são grandes, como quedas ou colisão entre o corpo o instrumento, por isso a segurança é fator fundamental. Por isso, especialistas recomendam que o primeiro contato com a barra seja intermediado por um profissional. "Sempre faço alongamentos antes e depois do treino, é preciso ter respeito pelos limites do próprio corpo", aponta Nayla Yanamoto, professora e proprietária do estúdio Espaço Alfa.

Para que uma atividade física vire esporte, é preciso que quem a pratica siga regras e participe de competição. Mas nem todas as apresentações do pole dance caracterizam vitória e derrota. Elas são baseadas em regulamentos específicos e separadas por três grupos: feminino, masculino e duplas. Cada um é constituído pelas categorias amador, profissional e master.

Apesar de cada evento formular o próprio código de arbitragem, há três critérios de avaliação que não são deixados de lado: técnica (força e flexibilidade), execução e performance artística.

Em algumas competições, há obri-

## Prática inclui movimentos ligados ao ioga, pilates e ginástica olímpica



Jean Jacinto é atleta e professor

gatoriedade de determinados movimentos, que chegam a ser classificados em até cinco graus de dificuldade. Além disso, penalidades podem provocar redução da nota. O evento pioneiro da modalidade criado especificamente com características desportivas, a *World Pole Cup*, teve sua primeira edição sediada no Brasil, em 2012.

A catarinense Ana Cardoso, 26 anos, já participou de seis campeonatos e conquistou duas premiações no mais recente, o *Arnold Pole Panamerican Classic*: segundo lugar na categoria amador nacional e terceiro lugar entre as Américas. Ela teve o primeiro contato com a barra aos 16, na Austrália. Queria fazer algo diferente e encontrou uma academia que oferecia aulas. "Experimentei e me apaixonei", garante.

Instrutora de pole dance *fitness*, ela treina quatro vezes por semana. "Os fatores mais importantes numa competição são o compromisso com a preparação física e a conexão com a música. É uma dança, gosto de músicas com marcações fortes, que realmente me toquem".

A prática levanta polêmicas e às vezes preconceito. "Assim como a capoeira pode ser considerada dança, jogo ou luta, o pole dance não deve ser resumido a apenas uma definição, seja dança, arte, profissão ou esporte (*fitness*)", diz Fiamoncini, especialista em dança e expressividade.

O pole dance *fitness* teve início por volta do século XII, principalmente na China, em circos conhecidos pelas apresentações em grupo, e na Índia, onde adultos e crianças do sexo masculino executam até hoje o *mallakbamb*, espécie de ioga praticado num poste de madeira. O caráter erótico foi incorporado à dança em casas de show, como o Moulin Rouge, na França. Antes de ser reconhecido como esporte, foi popularizado em casas noturnas com o *striptease*.

Aline Ribeiro

alinealbuquerque@gmail.com

A dançarina Mah Oliveira mistura pole dance com *striptease*



## Show de cabeça para baixo

Mah Oliveira, 24 anos, é dançarina profissional desde os 15 anos, mas começou a fazer apresentações com o pole dance a partir dos 18. "Tive essa ideia porque é um desafio, nem todo mundo faz", conta. Mudou-se para São Paulo por dois anos para aperfeiçoar as performances e faz shows todas as semanas, misturando dança e *striptease* no Sex Night Club, boate do centro de Florianópolis. A dançarina gosta de manter dois movimentos que a deixam de cabeça para baixo em suas apresentações, pois são os mais aguardados pelo público.



Nayla Yanamoto defende que a prática deve ser orientada por profissionais